

# RENOVA

ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES  
VICENTE DO RÉGO MONTEIRO

SUMÁRIO

RENOVAÇÃO, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — MANOILESCO, Jorge Abrantes. — AFONSO HENRIQUES REI E CAVALEIRO, Nilo Pereira. — CAMÕES E AS ESCOLAS POÉTICAS, Eduardo de Carvalho. — AERO CLUBE DE PERNAMBUCO, Arlindo A. Pontual. — O SINDICATO E SUAS FINALIDADES, Silvino Lyra. — O QUE É ESCOTISMO AGRÍCOLA, Oswaldo Guimarães. — A CAMPANHA ESCOTISTA DE JABOATÃO, Cesário de Melo. — DE UM DIÁRIO DE POESIA, Willy Lewin. — FILOSOFIA DO MUNDO INORGÂNICO, Crésio Teixeira. — ATRAVÉS OS LIVROS, Augusto Duque, Vicente do R. Monteiro, Willy Lewin, Antônio Rangel Bandeira. — UM POETA PARISIENSE QUE AMA O BRASIL, Vicente do Rego Monteiro. — ANCORAS TARDIAS, Gildo Dantas. — MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS (Novela), Gonçalves Fernandes. — NOSSA CAPA, E. & V. — Notas, etc.



Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE



Afonso Henriques de descuido  
ção popular; mas, eu pergunto  
vai nada que não fosse de for-  
mável reconquista de Leão e  
é próximo de uma invasão  
la independência, a delimi-  
do kisto sarraceno não de-  
nriques o motivo imediato  
sua obra política e rea-

aleiro já se pode despe-  
cer um novo mundo da  
patriótico. Oitocentos  
ina que um pequeno  
Europa feudal. Vinte  
ses alicerces e  
is, administra-  
m Nuno Al-  
nigos pelas an-  
mesmo pelas  
rio, em Poi-  
orio da pra-  
egredo da histo-  
civilização des-  
organiza e dis-

que nascerá  
al. Podia ter  
ada; podia  
tivo', como  
á palá-  
ia que  
mo re-  
do na  
e ao  
seria  
sule

NOSSA SENHORA, O MENINO JESUS e ANJOS — Pintura de ANDRÉA ORCAZZI

(Vide NOSSA CAPA, página 6).



SÃO TADEU. — Pintura de SIMONE MARTINI, da Coleção P. L. de New York. Simone Martini (Simone Memmi) nasceu no ano de 1283. Foi discípulo de Duccio di Buoninsegna. Sua carreira artística teve inicio no ano de 1315, com uma "Majestás" executada para o Palácio de Siena. Sua obra importante se acha disseminada em várias cidades italianas, segundo as permanências do artista, Napoles — 1317, Pisa — 1320, Siena — 1321-1322, Assis — 1335. Em 1339, seguiu para a cidade de Avignon, como delegado de Siena à Corte Papal e ali faleceu em 1344. Sua técnica pictórica se destaca pela composição harmoniosa e encanto de um colorido delicado.

# AFONSO HENRIQUES REI E CAVALEIRO

Nilo Pereira

(Conclusão)

— Vêde-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas e deixou  
As que êle para si na Cruz tomou.

A significação da batalha de Ourique animou D. Afonso Henriques à continuação de campanhas metódicas e sistemáticas; e, também, à expansão territorial com que êle engrandeceu e dilatou o novo reino. O guerreiro não descansa sob os laureis. Há qualquer coisa de grandioso, de épico na tomada de Santarém, com aquêles soldados escalonando o muro para surpreender sentinelas adormecidas; e no cerco de Lisboa, que implicou na perda fatal de Almada, Palmela e Sintra. Não foi tão feliz no Alcacer-do-Sal que, tomado depois de incansaveis lutas, voltou depois ás mãos sarracenas. Mas, logo veio a recompensa: cairam numerosas prácias alentejanas, inclusive Évora e Beja. A tomada de Lisboa, só por si, é um acontecimento memorável. Aí os exércitos de Afonso Henriques se unem aos exércitos dos cruzados numa esplêndida confraternização ditada pelo idealismo cristão. E essa arrojada empresa — um daquêles "cristãos atrevimentos", de que mais tarde falará o poeta nacional — "lavra a ata de nascimento da nação portuguesa, até ai envolvida nos limbos da geração", como diz Oliveira Martins.

Nessa altura, já podemos vêr que o valente guerreiro está cansado. "A vida do primeiro monarca português fôra uma carreira contínua, de norte para sul e de sul para norte, ora em defesa da independência, ora em defesa das fronteiras ameaçadas. O seu arcoíto de gigante começava a vergar". (7) Não faltaria quem lhe continuasse a obra ciclopica: D. Sancho será verdadeiramente um rei, como afirma Oliveira Martins, pois, com êle, "há um pensamento na política e uma idéia nas campanhas"; e D. Fuas Roupinho, consagrado na tradição popular, será nos mares, o primeiro português a vencer armadas inimigas. E a época dos precursores, dos que fizeram a rudes golpes uma nação que os descobrimentos marítimos, "dilatando a fé e o império", tornaram maior e mais respeitada. As bases da nacionalidade portuguesa estão vigorosamente lançadas.

Uma coisa é digna de registo: enquanto o mundo feudal europeu apresentava dificuldades políticas e sociais em alcançar a sua unidade, o reino de Portugal surgia consagrando êsse princípio. E nisso teve grande influência a organização municipal portuguêsa; foi debaixo dessa bandeira que todas as classes sociais encontraram um ambiente de colaboração. Não quero, com isso, apresentar o feudalismo como um sistema incapaz de realizar o progresso dos povos. É certo que, hoje em dia, sabe-se que êsse regime apresentou características as mais interessantes de uma vasta civilização econômica e social. A defesa do feudalismo está feita no mundo moderno; até aquilo a que se convencionou chamar — a servidão — foi, como se sabe, uma garantia individual.

André Maurois — entre tantos outros — nos dá uma visão dêsse mundo feudal, quando se refere ás garantias que o homem do povo auferia naquêles tempos. E, falando do feudalismo na Inglaterra, acentua que só no século XIII é que êsse sistema, "numa sociedade que, graças a êle, conhecerá mais segurança, começará a revelar-se como inutil e pesado. E é um pouco depois que, como todos os regimes de ordem, êle morrerá do seu próprio bom êxito". (8)

Como quer que seja, é inegável que o panorama político de Portugal era diferente do que se apresentava pelo resto do mundo europeu. E essa diferença está bem patente: o reino português realizava a centralização política e administrativa, com fundamento na organização municipal, enquanto a Europa permanecia no regime da descentralização feudal.

A comuna portuguesa viu desenvolver-se a sua vida econômica e social. Ao lado de u'a monarquia politicamente unida, a única que se formará naquêles tempos, com êsse carácter até certo ponto anti-feudal, surgiu a monarquia agrária, de que D. Deniz será um dos mais típicos representantes.

Houve quem acusasse D. Afonso Henriques de descuido quanto ao problema da instrução popular; mas, eu pergunto se havia tempo para cuidar de mais nada que não fôsse de fortalecer o novo reino contra a possível reconquista de Leão e Castela, e contra o perigo sempre próximo de uma invasão mussulmana. O reconhecimento da independência, a delimitação de fronteiras, a extirpação do kisto sarraceno não deviam constituir para D. Afonso Henriques o motivo imediato da sua ação? D. Sancho continuaria a sua obra política e realizaria a instrução popular.

A luta fôra incessante, e o rei-cavaleiro já se pode despedir do mundo, depois de ter feito nascer um novo mundo da sua coragem tenaz e do seu idealismo patriótico. Oitocessos anos apenas exaltam essa esplêndida página que um pequeno condado escreveu na história da velha Europa feudal. Vinte e mais tarde os que hão de levantar sobre êsses alicerces o ficio da unidade histórica: os primeiros reis, administrando com verdadeiro senso de organização; um Nuno Álvares, herói e santo: "herói, porque venceu os inimigos pelas armas, santo, porque se venceu e aperfeiçoou a si mesmo pela fé"; como dizem os programas de ensino primário, em Portugal; um infante D. Henrique, o que do observatório da praia de Sagres leu no horizonte infinito dos mares o segredo da história portuguesa; um D. Manuel, que é toda uma civilização descobridora e navegante; um D. João III, o que organiza e disciplina os reinos conquistados.

Um dia, há oito séculos, Afonso Henriques, que nascera filho de conde, morreu libertador e rei de Portugal. Podia ter faltado, uma e até duas vezes, á palavra empenhada; podia também ter sido aquêle "bandido á imitação de Pelayo", como o chamou Oliveira Martins. Eu lembro que a falta á palavra dada era antes um solene compromisso com a pátria que alvorescia; e direi, ainda, que o bandido medieval, como recorda o prof. Valdemar Vedel, é o guerreiro celebrado na poesia heróica. É certo que uma tal classificação não cabe ao fundador da monarquia portuguesa; mas, se coubesse, êle seria dêsse que transformariam uma arrojada aventura numa sublime empresa, num "cristão atrevimento". Quando a grande voz emudeceu para repercutir, hoje, na imortalidade de oitocentos anos, as classes sociais, unidas sob a égide da monarquia cavalheiresca, choraram o libertador e o rei. Camões dirá:

Os altos promontórios o choraram,  
E dos rios as águas saudosas  
Os semeados campos alagaram  
Com lágrimas correndo piedosas.  
Mas tanto pelo mundo alargaram  
Que sempre e no seu reino chamarão  
"Afonso, Afonso", os écos, mas em vão.

**Senhor Cônsul de Portugal:** As comemorações dos centenários portugueses, nêste ano de tamanhas incertezas, são um oasis que se abre á reflexão dos espíritos. Sentimos que essa meditação sobre a origem da nação portuguesa é bem uma lição — uma lição de fé e coragem patriótica — que o mundo luso-brasileiro precisa recolher para defender melhor o seu patrimônio de civilização e de cultura. Eu me congratulo com V. Excia. por êsses glóriosos centenários.

Antes de morrer, quando já se esboçava a política de independência no condado portugalese, o conde Henrique de Borgonha, cavaleiro francês que se cobriu de glórias cristãs nas lutas da península, disse ao seu filho Afonso Henriques, como numa ante-visão do seu futuro: Toma esforço no meu coração. E o filho tornou-se o libertador e o rei. Oitocentos anos sobre êsse apêlo, portugueses e brasileiros, unidos pelo mesmo sentimento de nacionalismo e de fé, pela mesma cultura e pelo mesmo espírito, podem fazer, nêste ano de preocupações e de surpresas, um apêlo da sua consciência histórica para que as duas grandes pátrias, tomando esforço na tradição comum, realizem a civilização, a paz, a ordem e a caridade entre os homens.

(1) — Joaquim Nabuco — *Escritos e Discursos Literários* — pag. 51.  
(2) — Oliveira Martins — *História de Portugal*, vol. 1, pag. 107.  
(3) — Jacques Maritain — *Le Crédos de la Civilisation* — pag. 19.  
(4) — Pinheiro Chagas — *História de Portugal*, vol. 1, pag. 44.  
(5) — Idem, ibidem.  
(6) — Apud, Mario Gonçalves Viana — D. Afonso Henriques, pag. 61.  
(7) — Mario Gonçalves Viana — *Iuv. cit.*, pag. 90-1.  
(8) — André Maurois — *História da Inglaterra* — pag. 81.

# EXPEDIENTE

## RENOVAÇÃO - Órgão de Ação Educacional Proletária.

DIREÇÃO DE EDGAR FERNANDES  
E VICENTE DO REGO MONTEIRO

REDAÇÃO: Rua do Bom-Jesús, 207 - 2.º  
Recife Pernambuco

NUMERO AVULSO ..... 1\$000  
NUMERO ATRAZADO ..... 2\$000  
ASSINATURA PARA 24 NUMEROS:  
NA CAPITAL ..... 30\$000  
NO INTERIOR DO PAÍS ..... 35\$000  
As assinaturas são pagas adiantadamente.

Os originais literários enviados a RENOVAÇÃO  
não serão devolvidos, ainda que não publicados.

### SÃO NOSSOS CORRESPONDENTES:

ADEMAR VIDAL -- R. das Trincheiras, 554,  
João Pessoa - Paraíba.  
DEBORA DO R. MONTEIRO - Rua Almirante  
Alexandrino, 663 - St. Tereza - Rio de Janeiro.  
DALMO BELFORT DE MATTOS -- Rua De-  
sembarcador Valle, 453 - São Paulo.  
CRESO TEIXEIRA -- Avenida Deodoro, 418  
Natal - Rio Grande do Norte.

### INDUSTRIA PERNAMBUCANA DE BRINQUEDOS

PROPORCIONE AO SEU FILHINHO A ALEGRIA  
DE VIVER...

Visite a Secção de Brinquedos da

**A CAMA PAULISTA**

RUA DA IMPERATRIZ, 131 — Fone 2150

Abra uma conta de pecúlio  
na  
**CASA BANCARIA**  
Magalhães Franco  
e Pague com Cheques

JUROS DE 5 1/2 %, E  
TALÕES DE CHEQUES GRATIS

### Elyseu Rio & Cia.

Representações

R. Vigario Tenorio, 95  
Caixa Postal, 211  
Telefone 9076  
RECIFE  
PERNAMBUCO

### PADARIA E PASTELARIA NOSSA SENHORA DE LOURDES

**M. Costa & Cia.**

Especialista em pães, bolachas e biscoitos etc.

**Rua Lazaro Fontes, 122**

GIQUIA' -- RECIFE

**Fone 6074 -- RECIFE**

### PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Do Rio de Janeiro — REVISTA DAS ACADEMIAS  
DE LETRAS, Órgão da Federação das Academias de  
Letras do Brasil, N.º 23, Julho 1940, Ano IV.

De São Paulo — SERVIÇO SOCIAL, Direção de  
Luís Carlos Mancini, N.º 19, Julho, 1940, Ano II.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE, — Dois  
anos de administração Novaes Filho no governo Aga-  
memnon Magalhães. Publicação da D. E. P. T.

# RENOVAÇÃO

Os acontecimentos na Europa se sucedem céleres. Aqui e acolá, por toda a extensão do mapa, pontos vermelhos assinalam novos fócos de agitação e luta. Tudo faz crer que o velho continente está se transformando numa fogueira crepitante, onde em futuro próximo, procuraremos as cinzas de uma civilização extinta.

E a guerra continua, fazendo a humanidade presa da maior inquietação e da mais sentida angústia. Ninguem poderia ser indiferente ao duelo terrível em que se empalam ideologias contraditórias, cada qual pretendendo decidir dos destinos dos povos.

Entre nós, particularmente, o fenômeno tem uma repercussão profunda. País, que dispõe de inesgotáveis reservas de riqueza, mas ainda jovem e por isso mesmo nos primórdios de sua organização político-econômico-social, defronta-se o Brasil com um mundo conturbado, onde as nações se agredem e os povos se exterminam furiosamente, em nome da paz e da felicidade humanas.

O Brasil precisa e deve afirmar-se perante o mundo, pela sua energia e grandeza. Daí a exortação que dirigimos, destas colunas, aos intelectuais e artistas brasileiros, célebres ou ignorados, ricos ou proletários, para atender aos imperativos da hora presente -- a defesa da nossa cultura e da nossa civilização.

Iniciando a nossa marcha para o oeste, uma marcha introspectiva para a descoberta da alma virgem do Brasil, teremos realizado o ideal maior da Pátria, próspera e feliz.

# 1.º CONGRESSO REGIONAL DE EMPREGADOS DO COMÉRCIO SINDICALIZADOS DO NORDESTE

*O*s comerciários do nordeste, numa compreensão sadia e patriótica, vão realizar nesta capital, em Outubro próximo, o 1.º Congresso de Empregados Sindicalizados do Nordeste, sob os auspícios do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife.

A iniciativa dos comerciários de Pernambuco, anuiram todos os Sindicatos do grupo do comércio, no nordeste, num movimento de solidariedade realisadóra que deslumbra.

Uma comissão, composta dos srs. Manoel Constantino da Silva, Silvino Lyra e Arlindo Fragoso, esteve em dias do mês passado no Palácio, onde foram comunicar os preparativos pa-

ra o conclave, recebendo não só o apoio do Interventor Federal, mas ainda, palavras de estímulo.

Ao conclave, aderiram os sindicatos seguintes:

Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Fortaleza, Sindicato dos Auxiliares de João Pessoa, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Natal, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Maceió, Sindicato dos Contabilistas de Maceió, Sindicato dos Garçons de Maceió, Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, Associação dos Empregados do Comércio do Recife, Instituto Pernambucano de Contabilistas, Sindicato dos Garçons, Sindicato de Empregados em Hoteis, Sindicato dos Barbeiros e Cabelereiros, Sindicato dos Despachantes, Sindicato de Revendedores e Praticas, Sindicato dos Auxiliares do Comércio de Garanhuns. Espera-se ainda a anuência dos Sindicatos dos Empregados do Comércio de Goiana, de Caruarú e de muitos outros.

Já se acham prontas e sendo relatadas as seguintes teses: reciprocidade do previo aviso de 30 dias, para o empregado do comércio e da indústria; como se extinguir a gorgêta; como resolver a educação proletária; a Lei 62, indenização à família, por morte do empregado; o verticalismo industrial; cooperativas de construções operárias; Legislação tributária; fiscalização do exercício profissional dos contadores; obrigatoriedade da escrita comercial, além de muitas outras que vêm chegando à comissão organizadora do conclave.

Ao grande certame »Renovação« se solidariza, augurando o maior êxito ao conclave.

## NOSSA CAPA

**O** que sempre encanta nas obras dos pintores primitivos é a ausência total da forma utilitária na expressão pictórica. O imediatismo não existia na arte. O artesanato e a mestria conduziam o artista, progressivamente, ao seu **maximum**, evitando-lhe os escogelhos da luta quotidiana.

A Poesia Total, no seu clima propício, medieval, conduzia a imaginação criadora dos poetas pintores do "trecento".

Andrea di Cione, denominado Orcagna, irmão de Jacopo di Cione e discípulo de Andrea Pisano, é bem um pintor poeta do seu tempo. Em nossa 1.ª página, estampamos uma Nossa Senhora com o Menino Jesus e anjos, de primorosa composição, e em nossa última página reproduzimos um Calvário, obra de seus discípulos, pintura que bem poderíamos atribuir ao mestre.

Em 1344 o nome de Orcagna aparece na lista dos melhores pintores de Siena. Em 1355, foi nomeado "Capomastro di Or San Michele" e quatro anos mais tarde desempenha o mesmo encargo na Catedral de Oliveira.

Orcagna foi também famoso como escultor, arquiteto e sobressaiu-se na arte do mosaico. Como arquiteto, construiu a "Loggia dei Lanzi". A sua obra mais famosa como pintor, é o altar-mór da Capela "Strozzi", em Santa Maria Novella, executado entre 1354 e 1357, para Tommaso Rossello Strozzi. Vêm, em seguida, os afrescos realizados no refeitório do Convento do "Santo Spirito", em Florença.

Ainda como escultor, enriqueceu o oratório de "Or San Michele", com um esplêndido tabernáculo, cheio de graça e suavidade. No convento dos Cartuxos de Florença, esculpou os túmulos dos Acciaiuoli.

Orcagna, depois de Giotto, é considerado o mais pessoal dos pintores de Florença.

E. & V.

## "O COMERCIÁRIO"

Está em circulação mais um número d'"O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, uma das organizações mais salientes d'este Estado e do Nordeste.

Sob a direção do nosso colaborador sr. Silvino Lyra, o novo jornal proletário tem como redator chefe, a figura jovem e culta de Manoel Constantino da Silva.

Augurando ao "O COMERCIÁRIO" uma vida duradoura e crescente progresso, transcrevemos, abaixo, as impressões de alguns jornais d'este e de outros Estados, donde extraímos o que se segue:

Do "Correio Bancário" — Recife:

"Acaba de aparecer, sob a direção do Sr. Silvino Lyra, "O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, de publicação mensal.

Tendo à frente um jovem cuja cultura é por demais conhecida dos meios trabalhistas da nossa terra, "O COMERCIÁRIO", apresenta-se com farta matéria sobre assuntos de maior interesse da classe."

Da TRIBUNA — Santos — Estado de S. Paulo:

"Temos em mãos o primeiro número d'"O COMERCIÁRIO", órgão oficial do Sindicato dos Auxiliares do Comércio do Recife, uma das organizações classistas mais prestigiosas do nordeste brasileiro.

Sob a direção de Silvino Lyra, cuja colaboração já tivemos o prazer de inserir em nossas colunas, "O COMERCIÁRIO", que tem um caráter de inserir em nossas colunas, e um corpo redacional de caráter de jornal moderno e traz interessante colaboração sobre diversos assuntos que de perto estão ligados aos interesses da classe dos empregados no comércio, está fadado a vencer, etc."

# MANOÏLESCO

JORGE ABRANTES  
Especial para "Renovação"

**N**os dias que passam, reforça-se consideravelmente a veracidade da afirmativa de Maihail Manoïlesco — o século XX é o século de corporativismo e o corporativismo é a doutrina em acordo com os imperativos da época, que são quatro: DESCAPITALIZAÇÃO, PAZ (1), ORGANIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE NACIONAL.

A guerra de 1940 não é, apenas, a luta por posições econômicas, mas, primacialmente (cremos que os princípios sempre marcham na frente), um gigantesco choque de mentalidades, do qual resultará a imposição das novas ideias e sua consequente universalização, tal como aconteceu, no passado, com o liberalismo.

E a marcha sem fim do Espírito Humano, no seu eterno anseio de perfectibilidade. Os que choram, hoje, em altos braços, a morte dos princípios individualistas (nenhuma referência, aqui, ao PERSONALISMO cristão), democrático-liberais, socialistas e capitalistas, parecem esquecer que esses princípios não nasceram com o mundo, por indicação divina, mas tiveram seu nascimento há dois a quatro séculos e que, por sua vez, representaram uma reação contra fórmulas anteriormente estabelecidas. Lamentando a reforma social e política da França do marechal Phelipe Petain, esquecem-se de que a França não veio do batismo liberal-maçônica, mas adotou tais idéias por ocasião do banho de sangue da Revolução Francêsa, que não foi o seu batismo.

Muitos espíritos tremem diante da perspectiva de uma França autoritária e sem partidos, de uma França construída sobre bases econômicas corporativas, de uma França anti-individualista e anti-liberal, de uma França forte e indissoluvelmente unida, que não fragmentada por força das "liberdades democráticas" (quel dommage!). Mas isto nada tem de novo na vida da grande nação e, se os depositários do seu destino, neste momento doloroso e difícil da sua história, fizerem sómente isto, temos a impressão de que a França reencontra-se a si mesma.

Também houve quem ruborizasse de pêjo quando o Brasil extinguiu a liberal democracia e os seus partidos e acabou com as fórmulas liberais da sua economia e da sua organização social. Mas quem não percebe, agora, que só existe um caminho seguro e honesto para as nações modernas: disciplina interna, autoridade, harmonia social? Que seria, hoje, do Brasil, com a confusão partidária e eleições com sangue, como ainda é comum na América...? O Brasil começa a trilhar um novo caminho. Não hão-de, as vestais do velho pensamento dizer que isto significa a adoção de idéias exóticas, pelo só facto de que outros Estados devastaram o matagal dos antigos preconceitos, desbravaram, em primeiro lugar, esse caminho. Idéias exóticas, então, teriam sido o liberalismo europeu e o federalismo norte-americano, que tão prazenteiramente aceitámos.

A própria Inglaterra conservadora terá que sacudir o boiior da sua estruturação social e abandonar seu monstruoso sistema capitalista. Seria grande pretensão desejar a eternização de fórmulas econômico-sociais. Certos elementos religiosos, por exemplo, apontam o abandono dessas fórmulas como uma apostasia. Mas as tâboas entregues a Moisés no Sinai é que continham os mandamentos revelados e não aquelas onde se gravaram os "direitos do Homem".

O mundo liberal nasceu do materialismo que afastou o homem da sua origem sobrenatural e da Revolução Francêsa, cujos métodos de ação foram o morticínio em grosso e o saque oficializado, tal como na sua irmã gêmea, a Revolução Bolchevista.

O mundo não se torna perfeito com a adoção de novas fórmulas de vida e tanto menos quanto elas se afastem dos princípios eternos e universais que deveriam estar na base de todas as reformas. O que o mundo procura sempre é melhorar das suas dôres, muitas das quais são sem remédio.



O remédio para os males econômicos do mundo moderno e o Corporativismo — sistema de bases cristãs, que a Revolução Francêsa derrubou e que a si próprio se desmoralizou.

Por coincidência ou pela lógica comum dos fatos, é uma das figuras políticas de relêvo, nesses dias, um dos maiores propugnadores pelo Corporativismo — Mihail Manoïlesco, chanceler da Romênia. Ter-lhe-á chegado, como participante da tarefa da construção da chamada "nova Europa", o momento de pôr em prática e provar a procedência das suas idéias pessoais?

Numerosos problemas sugere a organização corporativa teorizada por Manoïlesco.

Antes do mais, o corporativista de Bucarest julga o grande movimento do século XX dum ponto de vista muito relativo e pragmático. Faz do corporativismo uma questão de OPORTUNIDADE, nega-lhe qualquer valor EM SI e concede-lhe, apenas, os valores do MOMENTO. Tão lógico e consequente para a sua época, como a democracia o foi para a sua. De modo que a superioridade daquele para esta está, apenas, na CONVENIÊNCIA HISTÓRICA.

Parece que a coisa é diferente. A democracia (liberal) trouxe do nascedouro êrros formidáveis e foi, em essência, um regime ERRADO, apesar de TER CORRESPONDIDO AO ESPIRITO DE UMA ÉPOCA. E o corporativismo é o reencontro — pelo menos quanto ao seu espírito — de uma concepção verdadeira, que a democracia procurou, em vão, destruir. Contém, em si, alguns valores absolutos e corresponde a certas necessidades permanentes da vida humana. Quem negará, por exemplo, que a associação é um fato permanente e inherente à natureza humana, um direito natural do homem? O que os sistemas criados pelo homem têm de permanente e absoluto, nunca desaparece.

Esse pragmatismo e esse relativismo se revelam em outros pontos do pensamento de Manoïlesco. Assim é que ele submete demasiado e de uma maneira DETERMINISTA o corporativismo às necessidades econômicas do momento. Fá-lo parecer, antes que a expressão da ação do espírito humano sobre a massa dos fatores econômico-sociais, a resultante dessa situação, assim como o explicaria a doutrina marxista. Essa excessiva subordinação ao econômico (e o corporativismo de Manoïlesco não é exclusivamente econômico, mas INTEGRAL) é um dos índices do materialismo que teima em esgueirar-se pelas largas aberturas que deixam as novas doutrinas...

Fixemos, agora, dois aspectos justos da concepção corporativa de Manoïlesco. Em primeiro lugar, seu corporativismo é PÚRO, no sentido de que "as corporações são a única base

(Cont. na pag. 23)

# AFONSO HENRIQUES REI E CAVA- LEIRO

Nilo Pereira

(Conferencia pronunciada no Gab. Português de Leitura do Recife, em 14 - 7 - 1940)



ve estreitar os dois povos. As condições políticas do mundo moderno nos levam a pensar seriamente no nosso destino; e dessa reflexão, que ninguém certamente deixará de ter feito, resultará uma necessidade toda íntima de fortalecermos a nossa personalidade política, não procurando propriamente uma solução — porque os problemas europeus não são os nossos — mas, escolhendo um caminho. Quer me parecer que a história, ainda por muito tempo mestra da vida, nos pode aconselhar esse caminho, fazendo, como vemos na história luso-brasileira, um constante apelo à tradição espiritual e cristã, à unidade dos dois povos. Então, o sentimento de união, de que há pouco falava, resalta imperioso, porque decorre todo ele de uma tradição comum: a mesma língua, a mesma religião, a mesma formação política. Lembro-me, agora, ao falar desse sentimento, numa hora tão incerta da humanidade, de uma grande voz brasileira, que sempre o enalteceu como garantia do nosso destino: Joaquim Nabuco, cujas conferências sobre Camões constituem o que há de mais belo em torno do Poeta, foi uma consciência a serviço desse ideal, uma sensibilidade política exaltada pela compreensão da verdade histórica. Não era de admirar que assim fôsse quem dizia que os LUSIADAS e o descobrimento do Brasil constituiam os dois maiores descobrimentos português; quem, em 1888, falava de "um grande, um imenso Portugal americano", ou fôsse de uma nação "que soube manter o seu caráter português, mesmo nos tempos em que Portugal perdera a sua independência na Europa". (1)

Também me lembro, senhores, de uma outra voz, esta portuguêsa e, aliás, bem liricamente portuguêsa; o Antônio Corrêa de Oliveira dos poemas patrióticos, como aquêle que lêu no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, saudando os irmãos brasileiros:

Se a língua fizesse as pátrias  
Mais que o chão, ninguém diria  
Onde Portugal acaba  
Onde o Brasil principia.

A união dá lugar, por isso, a uma indistinção: não se dis-



Castelo de Guimarães — onde, por ocasião das solenidades centenárias, foi hasteada a bandeira de Dom Afonso Henriques.

tinguem os dois povos senão pelo fenômeno de siccissiparidade, muito natural, que fez da colônia uma florescente nação; no mais, tudo se confunde. E a alma brasileira não seria digna de tão nobre nome se repudiasse as origens portuguêsas — essas origens que tiveram em Afonso Henriques o heroi-cavaleiro e em Nuno Álvares o heroi-santo. Não me parece que se deva estudar a história portuguêsa por um dever simplista de conhecer esse belo trecho da história humana; seria bem pouco para um povo que quizesse conhecer a si mesmo e traçar um itinerário certo, procurando revigorir-se constantemente, enquanto o mundo sofre, enquanto o mundo se desagrega.

E com esse sentimento de união e de apêgo, o único que ainda nos pode guiar nessa hora de transformações universais, que todos nós, tão brasileiros de nascimento quanto portuguêsas pela formação e pela tradição, devemos comparecer diante desse grande momento histórico em que o velho Portugal, que deu novos mundos ao mundo, recorda a fundação da sua monarquia cavalheiresca, naquêles dias tão nobre e tão guerreiros da Idade-Média portuguêsa, e a sua independência na Europa, quando, vencendo a ambição dos Felipes, extinguiu aquilo que Alexandre Herculano chamou o novo cativeiro de Babilônia...

Eu vos falava, há pouco, da Idade-Média portuguêsa. Foi, como em toda parte, uma época de cavalheirismo desinteressado, de generosas aspirações. E triste ver como o liberalismo político e histórico de Oliveira Martins — para citar um dos mais ilustres — falseou a concepção desse perfeito de tão grandes afirmações humanas. "A Idade-Média é uma vertigem, diz aquêle historiador. O povo, afilito pelas misérias do mundo e pelos terrores do céu, vivia num sonho feito de dôres positivas e de medos transcendentes: rodopiava num SABBATH". (2) É tão falsa essa afirmação, como falso seria dizer que o cavaleiro Afonso Henriques não foi um autêntico representante do seu tempo, do qual ele tem, sem nenhuma dúvida, mais virtudes que defeitos.

É certo que a rehabilitação da Idade-Média, já hoje definitivamente feita, não implica numa especie de angelização daquêle tempo. Eu não diria que Afonso Henriques foi um homem perfeito, que não faltou à palavra empenhada e que não gostava de ser adulado (como alega Oliveira Martins) — só porque tenha sido, como me parece, um perfeito cavaleiro, ou melhor, um autêntico representante do seu tempo. Uma civilização cristã pode não ser uma civilização perfeita; muito menos podem deixar de ser perfeitos os homens cristãos. Na conferência — LE CRÉPUSCLE DE LA CIVILISATION — Maritain afirma: "Je ne dis pas que la civilisation chrétienne avait réalisé la parole de l'Évangile, — seuls les saints la réali-



Lisboa — CASTELO DE SÃO JORGE — Gravura de Monteiro

sent á peu près". (3) — Mas, eu direi que a Idade-Média, com a sua cavalaria, com o seu gôsto de aventura, com o seu sentimento de lealdade e de brio, era uma época propícia ao aparecimento desses espíritos desprendidos, generosos, dados a defesa dos grandes ideais humanos. Por isso, não separe o cavaleiro Afonso Henriques da fisionomia moral e política da sua época; nem por outra maneira se poderia explicar o aparecimento do seu pai — o conde D. Henrique — nas terras de Castella, empenhada na luta contra os mouros. De qualquer modo são ambos — pai e filho — dois personagens bem medievais: cavaleiros e cruzados. O gosto cavalheiresco e o idealismo das cruzadas forjaram nessas duas almas medievais uma pátria que, com essa origem, não podia deixar de ser o que foi e o que tem sido: cavalheiresca e cristã. Afonso Henrques é de tal maneira um representante das altas virtudes da sua época que Camões não teme para ele nenhuma compara-

Pois se a trôco de Carlos, rei de França  
Ou de Cesar, quereis igual memória,  
Vêde o primeiro Afonso, cuja lança  
Escura faz qualquer estranha glória.

Vejamos o que faria essa "estranha glória". É singular como aquêle menino de 14 anos, num gesto verdadeiramente ativo, se arma a si mesmo cavaleiro, na catedral de Zamora, domingo de Pentecoste, 7 de junho de 1125. Lembra Mario Gonçalves Viana que o ato só era permitido a filhos de reis. Ninguem lhe tirou, por isso, a armadura nem procurou tornar nulo o seu juramento de soldado de Deus e do condado. Aquêle foi um dia em que o condado portucalese viu nascer o seu defensor e libertador. O conde D. Henrique já havia sido quasi um libertador; sua missão histórica não foi apenas a de um vassalo que recebe do suzerano um feudo para cultivar e desenvolver: ele deu ao seu quinhão feudal certa personalidade política, uma relativa independência. Afonso Henrques foi, porém, o realizador dessa noção de pátria apenas esboçada; e o fez com tantas virtudes políticas que Camões o julgou bem digno do pai:

Ficava o filho em tenra mocidade  
Em quem o pai deixava seu traslado,  
Que do mundo os mais fortes igualava,  
Que de tal pai tal filho se esperava.

Três anos depois daquêle ato na catedral de Zamora, o jovem príncipe iniciava a luta da independência portuguesa. E de então até o fim da sua vida, sacudido por um idealismo imperturbável, foi uma luta sem fim, áspera e terrível, pela consolidação do reino que fundou na Europa, talvez sem poder

imaginar a significação histórica que teria no mundo aquela monarquia cristã, capaz de fazer "qualquer estranha glória".

E na verdade faria. Quem, por ventura, não se admira ainda hoje de vêr aquêle jovem erguer-se contra os poderes de Leão e Castela, rebelar-se contra o procedimento da sua própria mãe, cujos amôres com o conde Peres de Trava a levaram até o enfraquecimento e traição do seu sentimento de nacionalidade? Cedendo a um outro amôr, êsse mais violento, D. Terêsa passou a ser um entrave á objetivação do grande sonho tão animado de romantismo político: a constituição do Novo Estado. Estado que se esboçava e creava no animo varonil daquela gente o entusiasmo de uma grande conquista arrancada pelo amor á gleba ao amor humano de uma princesa desvairada.

E não se diga que isso foi facil. Imaginai que até o filho teve que ser, em nome dêsse Estado nascente, um instrumento contra a própria mãe; a menos que se posta dizer melhor: contra o conde favorito, o ESTRANGEIRO, o que veio entorpecer e corromper aquêle carácter nacional, tão manifesto em D. Teresa. E essa tem sido, meus senhores, uma acusação que a história levantou contra o fundador da monarquia portuguesa. Na sua famosa HISTÓRIA DE PORTUGAL, Pinheiro Chagas diz: "A tradição atribui ao infante um feito odioso, o de encerrar sua mãe no castelo de Lanhoso, carregada de ferros, e Camões, o cantor das nossas glórias, deu a essa imputação a terrible imortalidade dos seus versos". (4)

Na verdade, o poeta nacional diz:

— vencido de ira o entendimento  
a mãe em ferros ásperos atava.

Talvez os historiadores anti-medievalistas pudessem se queixar logo da Idade-Média, nesse ponto; seria mais um negro defeito daquêles tempos obscuros... Mas, é o próprio Pinheiro Chagas quem afirma: "A história contudo rehabilita por êsse lado o infante, por que os monumentos coevos desmentem essa acusação. D. Tereza e o conde de Trava foram simplesmente expulsos do reino". (5) E que significa essa expulsão? Era a revolta do moço-cavaleiro; era, antes, a batalha de S. Mamede, ganha sobre aquêle magnífico espetáculo da lealdade de Egas Moniz.

É um bello episódio, esse: um velho que, depois do cerco do castelo de Guimarães, vai servir de penhor junto a Afonso VII, rei de Leão, da rendição e vassalagem do condado portucalese. Afonso Henrques fôra colhido de surpresa. Mas, êsse tributo era antes uma trégua: o infante achou justo quebrar o seu juramento, pois não ia com êle aniquilar o seu belo sentimento de pátria. E Egas Moniz — que é um símbolo da velha lealdade — não podia vêr por terra a sua palavra empe-

nhada no acampamento do rei de Leão sem que em trôco lhe desse a própria vida.

Vendo Egas que ficava fementido  
O que dèle Castela não cuidava,  
Determina de dar a própria vida  
A trôco da palavra mal cumprida.

Com isso salvou-se a honra do Portugal nascente; e Afonso VII achou ocasião de manifestar a sua magnanimidade deante de tão grande lealdade. Por ventura, não deixava êsse gesto de honradez, á vontade para agir, o infante do condado? E o que é que se segue a êsse espetáculo como preparado para redimir a honra portuguêsa? Segue-se a luta, a renhida luta que não deixou mais em paz o fundador da monarquia lusitana.

Conheceis bem os pormenores dessa campanha libertadora. Fôra superfluo estar recordando. Mas, acompanhai agora, em espírito, o infante que se defronta com o conde de Travanos campos de S. Mamede do Alvão. De um lado, ferido o sentimento de nacionalidade, que procurava alí a sua desfôrra; do outro, magoado o amôr de um conde romântico e, com él, a sêde de uma imensa cobiça. Qual dêles devia vencer? É claro que o sentimento da terra faria maiores prodígios; e a batalha de S. Mamede — cuja importancia é hoje tão acentuada — é o primeiro dia nacional português. Depois dela, uma rainha sem títulos; e um conde a fugir entre destroços. A história — como saliente Oliveira Martins — fez ao conde galego a justiça de mencionar que não abandonou a rainha, "quando a viu despojada do poder e do títulos". A importancia da batalha, libertando um povo, tinha êsse grande sentido: a aristocracia portuguêsa vencerá a leoneza. E era tudo.

Não deve passar despercebido como essa nascente aristocracia vinha enfrentar e vencer uma nobreza enraizada e forte. Isso é verdadeiramente um prodígio. Afonso Henriques era um jovem batalhador sem experiência. Alfredo Pimenta explica êsse prodígio quando chama o infante, já então quasi rei: "génio político e militar formidável". (6)

Afonso Henriques não surgia como um aventureiro á procura de façanhas que lhes imortalizassem a coragem e justificassem a sua posição de cavaleiro.

O tratado de Zamora é a grande capitulação de Afonso VII: ele desiste de continuar a luta com Afonso Henriques e faz muito mais ainda: reconhece a independência do novo reino e dá ao seu fundador o título de soberano. Podia Afonso Henriques precisar que esse título fôsse mais tarde reconhecido pela Santa Sé, se é verdade que não tomou tal resolução em momento de estrita fidelidade cristã; mas, o certo é que desde aquêle momento ele era rei de Portugal, embora, como senhor de Astorga, que ficará sendo, contrairasse para com o rei de Leão obrigações pessoais a que o arrastava, em tal caso, o velho direito feudal.

Rei de Portugal e senhor de Astorga: dois títulos que aparentemente se chocavam. Pelo primeiro, a independência do condado; pelo segundo, um traço ainda de vassalagem. Tal vassalagem, porém, tornou-se logo depois nominal quando o novo reino se colocou sob a proteção da Santa Sé.

De modo que já se pode dizer sem nenhuma dúvida: aquêle menino de 14 anos, impulsivo e voluntarioso, armado por si mesmo cavaleiro, é agora rei. Pouco importa, ao meu ver, a data certa em que esse títulos lhe foi oficialmente concedido; ainda recentemente se discutiu êsse pormenor na erudita polêmica entre o historiador Alfredo Pimenta e o padre Domingos Maurício. Um fato é, então, o que nos interessa: o condado portucalense já não é um feudo de Leão e de Castela; sua existência autônoma está assegurada.

Que resta ao novo rei? A vaidade e a glória? A ansiedade de uma coroação espetacular? Convenhamos logo numa coisa: Afonso Henriques era um simples; quasi estou a dizer — um rústico. Mas, direi melhor: era um patriota, no que essa expressão tem de mais nobre e mais essencial. Nesse sentido, foi um "turbulento príncipe", como o chamou Pinheiro Chagas; tão turbulento que será daqui a pouco o Ibn-Errick dos historiadores árabes, o guerreiro "cuja espada foi o açoite dos saracenos".

E, então, não é apenas o rei a defender domínios e a fixar fronteiras; é o antigo cavaleiro combatendo em nome da Fé, pois não me parece que se possa, em tal caso, separar o patriota do cristão.

Naquela época era violento o choque entre as duas culturas — a mussulmana e a cristã. O islamismo não era apenas uma mística religiosa, era também uma mística política; e sob êsse duplo aspecto é que a civilização da meia-lua enfrentou,

## DE UM DIÁRIO DE POESIA

O que existe de belo numa paisagem, nas coisas do mundo, é a eterna, a misteriosa, a invisível Presença que elas ocultam e refletem. Um poeta **realmente** materialista: que absurdo!

O poder mágico dos vocábulos em poesia. Ou aquelas suas virtudes extra-intelectuais de que nos fala Marcel Raymond.

"Il y a les poètes et les grandes personnes". (Cocteau).

Alguem me disse, uma vez, referindo-se a Rimbaud: "Escrever versos daquêles aos dezenove anos, imagine! Uma obra genial..." Evidentemente, êsse ingênuo confundia um poeta com um precoce campeão de xadrez.

(Rio, 1937) M. M. e eu descobrimos, por acaso, uma vitrine de utensílios cirúrgicos, manequins anatômicos, instrumentos ortopédicos. Estacamos "bouleversés". Ali estavam, vivos, eloquentes, Chirico, Dali, os surrealistas.

Numa tela de Chirico, o silêncio detém, bruscamente, a quenda das perspectivas.

O poeta "dorme". Ou respira numa noite profunda. Acordado, em plena luz, entre os homens, o poeta é um destroço lamentável, um peixe atirado à praia.

Willy Lewin

nos dois mundos, a civilização da Cruz. Na península ibérica realizaram os árabes o que Henri Pirenne chama, empregando uma palavra moderna: um bloqueio. É verdade que alguns historiadores exaltam a civilização mussulmana invasora; mas, os árabes, que eram simples vulgarizadores e intermediários da cultura antiga, e não êsses esplendidos criadores de uma nova cultura — constituam um perigo iminente e profundo. Daí, a importancia que tem a batalha de Ourique, talvez pouco lembrada e, muito menos, celebrada, mas, em verdade, decisiva para os destinos da nacionalidade. Não é aqui o momento de discutir qual das duas batalhas teve maior importancia para a história portuguêsa: a de S. Mamede ou a de Ourique. Tais discussões são puros bizantinismos. Ambas decidiram da sorte de um povo cristão, de uma cultura cristã. A tradição ligou o nome de Cristo a essa batalha e tornou-a, assim, duplamente gloriosa. Por isso, quando Camões dedica o seu poema ao rei D. Sebastião, não se esquece de aludir ao escudo das quinas que D. Afonso Henriques mandou pintar depois da vitória, escudo que é um símbolo da grandeza nacional:

Vós, tenro e novo ramo fluorescente  
De uma árvore de Cristo mais amada  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesarea ou cristianissima chamada

(Conclue na pag. 3)

# AERO-CLUBE DE PERNAMBUCO

Arlindo Amorim Pontual



ODEMOS afirmar com convicção que o aero-clube é a unidade funcional da nossa organização aeronautica.

Para que tenhamos aviões, para que nosso sólo fique salpicado de campos de pouso, para que se ouça os ruídos característicos de fábricas

de aviões, é preciso preliminarmente a formação na nossa mocidade, em particular, e no povo, em geral, de uma mentalidade aeronautica. É esta a grande e primordial função do Aero-clube. Ao lado de sadio esporte que proporciona, o aero-clube cumpre as funções importantíssimas de vulgarizar, popularizar a aviação, de preparar a nossa reserva aeronautica.

A importância do aero-clube na vida nacional avulsa pelo decreto 1735, de 3 de Novembro de 1939, que entre outras determinações sobre o ensino militar, criou os Centros de Preparação da Reserva Aeronautica, sendo condição essencial para o ingresso nesses Centros, a posse do brevet obtido em aero-clube civil. O aero-clube é portanto a ante-câmara desses Centros.

Se verdade é que, os aviadores civis, já constituem reservas aeronauticas, a criação dos C. P. R. A. nas condições acima faladas, vem tornar essas reservas adextradas na pilotagem de aviões de guerra, e portanto constituir uma reserva mais sólida e eficiente.

Em número de 37 são os aero-clubes que possuem cursos de pilotagem. São 37 núcleos de idealismo. São Paulo possue 15 ou mais aero-clubes e escolas particulares de aviação. Cmpinas, Garças, Rio Claro, Pindamonhangaba, Baurú, Taubaté, Santos, Uberlândia, Piracicaba, Limeira, etc., têm diariamente seus céus, percorridos por aviões dirigidos pelos pulsos enérgicos da mocidade.

Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Santa Catarina, Paraná, Goiás, Baía, têm os seus aero-clubes, com linhas aviões e escolas de pilotagem em pleno funcionamento e progresso. No Rio Grande do Sul, a "Varig Aero Esporte", desenvolve extraordinárias atividades, com seus cursos de vôo a vela e a motor. As suas atividades não se limitam a Porto Alegre, extendem-se

a Santa Maria, Bagé, Rio Grande, Nova Hamburgo e Santa Cruz.

Para isso concorrem o Aero-Clube do Brasil, auxiliando eficazmente os seus filiados e exigindo condições mínimas para a filiação de qualquer associação aeronautica, o Governo Federal, distribuindo independentemente de qualquer onus, aviões aos diversos aero-clubes filiados e finalmente o esforço, dedicação e sacrifício de um grupo de idealistas, que compreendem estar o nosso progresso dependente da aviação, que em nosso caso é a melhor e talvez única solução satisfatória do problema do transporte.

No Rio de Janeiro temos o Aero-Clube do Brasil, centralizando e dirigindo o movimento aeronautico nacional. Este ano as instruções da Escola de Pilotagem, foram iniciadas com 71 alunos.

Vemos portanto que enorme é o progresso da aviação no Brasil. Constantemente, dezenas e dezenas de jovens recebem seus brevets, e novas azas erguem vôos.

Foi de um desses grupos de idealistas que surgiu finalmente o Aéro Clube de Pernambuco... Está coroado de êxito o trabalho persistente, que durante dois anos foi realizado pelos pioneiros da aviação esportiva em Pernambuco.

Dentro em pouco tempo nós veremos chegar ao campo do Imbura o NOSSO AVIÃO. Quanto trabalho anônimo, quanto esforço para que possamos finalmente ao ouvirmos o ronco do motor de um avião, olharmos para o azul e dizermos com orgulho: lá vai o avião do Aéro Clube de Pernambuco.

O nosso clube vencerá. Vencerá porque como penhor desta vitória nós temos não um alicerce feito de ouro, mas um alicerce de renúncias e sacrifícios, um alicerce formado pelas lições eloquentes do presente e pela compreensão da situação da vida estadual na vida nacional e desta na vida mundial.

Entretanto sabemos que a campanha e a vida do Aéro-Clube será ardua, será difícil. Mas os frutos que encontramos caídos à beira do caminho, ao alcance fácil de nossas mãos, não têm o sabor d'aquêles que são colhidos nos galhos altos das arvores, depois de uma subida cheia de dificuldades.

E se por acaso o desânimo quizer nos abater, lembramo-nos as seguintes palavras que sobre Mermoz disse um grande escritor: "Mermoz ensina a mocidade de hoje estas duas lições sublimes: a vida nada vale se não empregarmos em atos de heroísmo; a vida torna-se indigna, quando ela não se põe a serviço da Pátria porque então ela se torna uma vergonha que se acumula em cada minuto de imparcialidade deante do Mal e do Bem."

# O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

Silvino Lyrá

## VII

### ASSISTÊNCIA ECONÔMICA

**A** assistência econômica, deve ser subordinada ao próprio espírito solidarista, caracterizador dos agrupamentos de indivíduos, que se reuniram por imposições psicológicas decorrentes de ansiedades idênticas, originárias da mesma situação e meio de vida. (1)

Está bem claro, ter o Sindicato surgido nas cidades em face do industrialismo que reuniu as grandes massas proletárias, provocando uma associação psicológica e voluntária entre os companheiros da mesma profissão ou da mesma fábrica, ora para trocarem idéias, divertirem-se, beneficiarem-se pelo auxiliar recíproco, ou então, para defenderem-se contra as organizações do capital. (2)

A bem dizer, a reação foi a sua primeira manifestação, intensificando a luta de classes, como vimos em observações anteriores.

É mister, entretanto, o aproveitamento dessa solidariedade não mais para as contendas, e sim no sentido do amparo aos elementos que o integram, na visão de satisfazer o seu interesse material, procurando os meios necessários à amenizar a luta pela vida.

Assim, a assistência econômica se torna imprescindível. Uma necessidade urgente de ser levada a efeito pelos órgãos de classe. E inúmeros são os motivos que a impõem, sinão, vejamos.

Incontestavelmente o obreiro carece de uma certa despreocupação quanto às suas reivindicações materiais para uma melhor execução de sua tarefa, e um fácil cogitar das coisas transientes, únicas capazes de minorar as dores das feridas morais originadas dos sacrifícios exigidos pela existência. Ora, é natural que o homem preocupado com a insatisfação de um salário e vendo a miséria no seu lar, a fome nos filhos, não poderá jamais, preso às contingências materiais de sua vida atribulada, preocupar-se com as coisas do espírito, visto que o seu estômago reclama intensamente o pão, em benefício do corpo. Miserável, faminto, desamparado, o homem será sempre um revoltado incompreensível e um grande incompreendido. E a destruição desse espírito de revolta que vai em todos os corações cheios de angústia dos homens injustiçados na distribuição dos bens terrenos, é premente. A assistência econômica individual e familiar, vem de pronto, eliminar pela satisfação imediata duma necessidade, pelo menos temporariamente, esse sentimento um tanto egoístico, quasi sempre originário dos desejos insatisfeitos quando julgados irrealizáveis. (3)

Esta assistência, todavia, deve ser ministrada sem provocar o nascer do espírito parasitário, natural a certos homens.

É preciso que ela assuma um caráter de estímulo, importando em compromisso cuja insatisfação resulte em prejuizos aos elementos infratores das condições de obrigatoriedade que a asseguram.

O código de honra de trabalhador formando-lhe um caráter incorruptível, de certo será um elemento disciplinador das tendências, e um eficiente orientador das atitudes dos beneficiados.

Conclue-se, que a assistência econômica poderá ser processada através de auxílios às famílias numerosas, e, ainda, graças ao melhorar do padrão de vida por intermédio das cooperativas de crédito, de consumo e produção, além de um salário justo, que, quando não o permitam as condições do estabelecimento ou a situação financeira do empregador, as obrigações para com a coletividade por parte de indivíduos que possuem direitos em excesso, preencherão, em grande parte, os claros para a execução real dos auxílios nomeados.

Órgãos de Estado, os Sindicatos poderão patrocinar os meios de provocar a diminuição das responsabilidades de elementos assoberbados delas. Mais claramente, podemos nomear os meios capazes de levar a efeito tão nobre objetivo, o que faremos na parte seguinte, quando tratarmos da assistência social.

## VIII

### ASSISTÊNCIA SOCIAL

**A** família é um centro de gravitação sentimental".

Nela é que o homem começa a tomar o conhecimento de sua personalidade, e tem a sua própria projeção no tempo.

O bem da família é fator necessário ao bem estar social, e a razão de ser do seu próprio equilíbrio.

Por isto, a assistência social por parte dos Sindicatos, deve ser realizada objetivando a família como célula social, e onde sómente será possível o realizar do equilíbrio ansiado pelo obreiro. Aí, ele encontra o conforto que nenhum Estado lhe poderá oferecer.

Portanto, o amparo distribuído pelo Sindicato aos seus componentes, deve ser realizado com a visão do bem estar da família proletária.

Dos meios à sua realização, sobressaem dentre muitos, alguns como os adiante indicados, que fazem ressaltar a eficiência do auxílio a família ora discutido.

PROLE Escolas profissionais

Escolas de Alfabetização  
Assistência médica a sócios e famílias  
Assistência dentária  
Caixa de pecúlios  
Caixa de doenças  
Assistência hospitalar  
Diversões, etc.

De maneira generalizada, mais adiante estes meios serão estudados, bem como o modo pelo qual será possibilitada, a sua manifestação real, sendo particularizadas, também a atividade específica por cada elemento apontado. Por ora, um estudo rápido fará saltar aos

(Continua na página 30)

# O QUE É O ESCOTISMO AGRICOLA

## OSWALDO GUIMARÃES

**O** Prof. Agamemnon Magalhães, falando acerca dos problemas políticos, econômicos e sociais que agitam o mundo, os agrupamentos, as nações e perturbam o ritmo das regiões envolvidas e assoladas por esses diversos fatores de crises sociais, disse que era preciso «reformar o homem». Evidentemente, isto constitui uma verdade insofismável e que por isto mesmo carece tomar um sentido bem profundo de objetividade.

Realmente o mundo contemporâneo nesse despertar de angústias, de dôr, de ambição, de interesses antagônicos, está sendo vítima do próprio homem que desnorteado e na ânsia do impossível, busca a verdade na belesa efêmera das contingências materiais. Complexo também de duas forças antagônicas; sentimento e razão, coração e cérebro, o homem «vítima da liberdade, em luta com os outros homens, na concorrência dos negócios e do trabalho, perdeu o senso da medida e do término da própria vida».

É preciso, portanto, uma contra-marcha nos seus impulsos e nos seus desejos. É preciso que o homem se aperceba da dôr do próximo, sinta os efeitos da sua ação contra os outros homens. É preciso um remédio eficaz, embora o organismo esteja quasi todo contaminado por esse mal estar profundo e estonteante. Entretanto, evitemos ao menos que a doença se propague aos outros organismos. A custa de um tratamento seguro e sistemático, preparamos o homem para viver agregado ao seu habitat e aos seus semelhantes por força da solidariedade humana e espiritual.

A Campanha Escotista, criada em Jaboatão pelo soldado e estadista que é o General Newton Cavalcanti, outra causa não é senão essa constante preocupação de se criar na alma do brasileiro de amanhã, a imagem do seu criador, impregnando-a com as verdades eternas, para que assim o homem de futuro, modificado pela educação, pelo amor ao trabalho, respeitando conscientemente o bem alheio, acatando as autoridades como emanadas do poder divino, possa construir uma civilização cristã, podendo então viver sem receio da indiferença e do alheamento do próprio homem, como viviam antigamente os grupos.

O Prof. Agamemnon Magalhães, referindo-se ainda, aos acontecimentos que se desenrolam além-mar, disse que era preciso pensar nas Américas, pensando no Brasil.

Ora, pensar no Brasil, é preparar as nossas reservas. É fomentar as nossas fontes de riquezas. É abrir caminhos e construir estradas para escoamento dos nossos produtos. Pensar no Brasil, é criar uma mentalidade ruralista, vivendo sem artifícios, produzindo na maior e na melhor qualidade dentro da técnica e dos preceitos da ciência. Evitar a retirada sempre constante do homem do campo para as grandes cidades, é pensar no Brasil. Criar em cada zona serrana um Centro de trabalhadores juvenis, que saibam cantar o Hino Nacional e que em passos cadenciados vibrem com o coração cheio de ardor patriótico nos momentos nacionais, é também pensar no Brasil. Finalmente, pensar no Brasil é formar uma juventude disciplinada, criando em torno dela uma mística, para que o Brasil possa ser grande, forte e poderoso, podendo assim também realizar o seu destino histórico na América e no mundo.

Quando tudo isto acontecer, devemos então dizer que pensamos no Brasil, porque doutra maneira não se concebe pensar no Brasil, sem se pensar nas suas riquezas adormecidas e nas suas grandes possibilidades.

Conseguido este objectivo, podemos afirmar e confiar no efeito daquela milagre — «a reforma do homem». Esta reforma o escotismo agrícola realizará com a sua doutrina e com os seus princípios, que são fontes edificantes de renúncia, de amor, de sacrifício e abnegação — a serviço de Deus e da Pátria.

Em Pernambuco existe um bom clima — o escotismo. Aqui está se formando uma juventude disciplinada, cheia de ardor e que acredita no futuro e na eternidade da Pátria.

Eu creio em Pernambuco, porque sinto a sinceridade dos seus filhos. Creio no sentido doutrinário dos seus homens

públicos. Creio e confio na mocidade que marcha em busca da sua fé e da sua grandeza. Fé que nos formou e que há de guiar as nossas aspirações até a consumação dos séculos. Grandeza territorial que havemos de defender palmo a palmo, sejam quais forem os sacrifícios.

Ao escoteiro de hoje, homem de amanhã, fica reservada esta tarefa; ocupar os nossos campos desertos, extraír as nossas riquezas, preparar a nossa independência econômica pelo cultivo da terra, sanear o ambiente social, conquistando um habitat propício ao desenvolvimento de suas tendências, enfim, a ele fica reservada a «reforma do homem».

## A CAMPANHA ESCOTISTA DE JABOATÃO

CESÁRIO DE MELO

**C**AMPANHA magnífica e benemérita, impregnada de um profundo e sadio civismo, toda ela orientada na salutar preocupação de despertar as energias juvenis no amor ao trabalho, à ordem e à disciplina, no culto do Brasil.

Neste instante de tão pesadas sombras envolvendo o mundo, em que o homem aturdido parece haver perdido o roteiro do seu destino, quando a estrutura da civilização cristã está ameaçada de decomposição, o problema da educação da juventude expressa uma alta relevância, significa uma inadiável preocupação do poder público.

Nela repousa a segurança da unidade da Pátria, do seu progresso e da sua situação no concerto das nações cultas, principalmente, nesta hora de tão graves decisões em que são postos em prova, a honra, o caráter e a dignidade dos povos livres.

O movimento escotista que se vem verificando em Pernambuco, cuja expressão eloquente é a Concentração de Jaboatão, dirigida pela inteligência moça e pelo patriotismo sincero de Oswaldo Guimarães, demonstra inequivocamente que um sentido mais real e mais brasileiro começa a nortear a educação dos nossos jovens. Recuada no nevoeiro dos tempos está aquela conceituação que informava a pedagogia da mocidade brasileira. Puramente livreseca e acadêmica, desambientada da formação e da vida social da nossa gente, calculada nos mestres e nos exegetas estrangeiros, ela estruturava uma cultura sem raízes nas fontes históricas do nosso povo.

E, é por isso que «a inteligência brasileira foi levada, pelo verbalismo, para longe da vida», como criteriosamente fez ver o sr. Rómulo de Almeida.

Compreendendo este imenso erro, a Campanha Escotista em Pernambuco fundamentou a orientação da juventude sobre a sua tutela na educação rural.

Pais essencialmente agrícola, cuja balança econômica oscila co'a maior ou menor produção de suas terras, o Brasil estava exigindo uma cultura especializada e técnica que orientasse as suas elites nas maiores possibilidades de melhoria da sua vida agrária.

A vertigem do mundo dos nossos dias, a máquina dando à vida uma celeridade estonteante, o homem perdido num «rush» de idéias as mais contraditórias, impunham à existência uma noção mais próxima da realidade dos fatos, determinando aos povos uma educação essencialmente técnica, liberta daquele romantismo acadêmico.

É sobre esse plano de pedagogia racional, acordando no espírito juvenil a emoção pela terra, incutindo no seu cérebro um conceito positivo e real das coisas da Pátria, completamente diversa daquela velha e falsa concepção «porque me ufano do meu país», que a campanha de escotismo neste Estado se afirma.

(Cont. na pag. 32)

# FILOSOFIA DO MUNDO INORGÂNICO

Créso Teixeira

## IV

### HILEMORFISMO

**E**ste é o sistema coerente com os princípios da cosmologia escolástica. Suas idéias fundamentais se encontram nas três proposições seguintes:

- 1) — Existem, no mundo, seres dotados de unidade essencial, especificamente distintos uns dos outros, naturalmente extensos;
- 2) — Estes seres possuem forças ativas e passivas que emanam do seu fundo substancial e lhe ficam indissoluvelmente unidas;
- 3) — Têm uma tendência imanente para certos fins especiais, a que são chamados a realizar pelo exercício de suas energias nativas (Nys).

Foi Aristóteles o maior filósofo dessa doutrina. Sto. Tomaz supriu-lhe as deficiências.

Reconhecia o estrategista, na substância corpórea (capaz de transformar-se) dois princípios substanciais: — a matéria ("matéria primeira") e a forma. Esses princípios são mutuamente dependentes. E a prioridade (só possível na ordem do pensamento) deve caber logicamente à matéria.

Mas esta, aqui, não se confunde com a extensão, como no mecanismo. É simplesmente o "com que" as coisas são feitas. Um "não-sér", como diz Platão. Representa um estado particular dos seres corpóreos, uma "imperfeição relativa", que quasi tudo espera da forma. Todavia, não possui nenhuma das notas profundas que especificam esses seres. Pois se encontra invariavelmente livre de toda e qualquer determinação substancial.

A matéria ocupa, efetivamente, o último lugar na escala das perfeições criadas. E isso em virtude mesmo da sua indeterminação como da sua extrema passividade. Incapaz de existir por se mesma, só pode existir por outra coisa — pela forma. Sem esta, a matéria seria uma "não-coisa". É a forma o princípio ativo que a determina, que a atualiza. Pois, em si, a matéria é puramente passiva e absolutamente indeterminada, como fizemos vêr. É apenas a possibilidade da forma, de futuras formas. E por isso pode sér eterna.

A forma, entretanto, não se restringe ao aspecto exterior. Pois é, a um tempo, a força modeladora e o impulso interno que vem dar à matéria bruta uma feição e uma finalidade específicas.

A matéria (primeira) possui o não-determinado, o potencial. Age como a potência na constituição da es-

sência corpórea. Não tendo valor algum "em ato", está no entanto presente em todos os corpos, "em potência". Pois individualizada por alguma determinação, é a causa primeira da individualidade das coisas. E, portanto, dos caracteres que as definem.

Aliás, essa idéia que despertou com Aristóteles, já passara, ainda que de leve, pela mente de Anaxágora. Pois este dizia, em tom concludente, que "si tudo não estivesse em tudo, nenhuma coisa poderia surgir do nada". E daí deduzia, consistir o princípio material que entra na constituição dos corpos, em uma mistura infinita de todas as naturezas e de todas as qualidades, de modo a que cada partícula corpórea contenha em si elementos de todo o restante do universo (Maritain). A êsses elementos dava Anaxágora o nome de "homomérios". E para melhor explicar as coisas, chegou a conceber a coexistência de duas causas — uma "eficiente" e outra "final". E nisso foi plenamente confirmado pelo célebre estrategista.

A forma, ao contrário, só encerra em si o determinado e o atual. É a realização dessa aptidão potencial da matéria, isto é, o ato primeiro que informa a matéria. Ou, o aperfeiçoamento substancial de que ela carece para tornar-se um corpo natural.

A forma é, assim, a idéia viva da coisa, como que a sua alma, a "soma das potencialidades existentes em alguma coisa a fazer, a ser, ou a tornar-se" (Durant). É ela que vem dar atualidade à matéria primeira, originando o sér. Só assim se torna cognoscível o que antes fôra, como puro potencial, diretamente imperceptível.

Com efeito, a matéria primeira não pode ser atingida pela inteligência, sinão através do raciocínio ou da análise das transformações substanciais, isto é,mediamente. É o conhecimento pela razão apenas. Só o corpo, concreto e determinado que é, composto de substância e acidente, pode cair sob as nossas percepções sensíveis e ser, dêsse modo, objeto da imaginação. Esse o grau de cognoscibilidade da matéria primeira.

Convém ainda ressaltar, de acordo com essa teoria, a existência de duas espécies de determinação. De um lado, temos a "forma acidental" (acidente), como o calor, o peso específico. São caracteres aparentes que diferenciam cada espécie universal. Do outro, vamos encontrar a "forma substancial" (ou ato primeiro), princípio específico das essências corpóreas. É por esse princípio atual, unindo-se à matéria primeira (princípio puramente potencial), que se constitue a substância corpórea. Ou, como disse Nys, que a matéria comum torna-se uma espécie determinada de corpo.

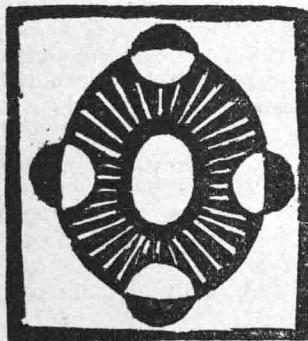
Uma outra característica a assinalar, nesse sistema, é o fato de não desprezar a realidade da matéria, como o energetismo. Nem a da extensão, como o queriam Leibiz e Boscovich. Aqui, essa teoria se coaduna com o pensamento dinamista de Hirn. Enquanto as qualidades, relegadas pelos mecanistas, reassumem a importância que lhes é devida.

Em conclusão, podemos dizer que o hilemorfismo faz, entre os corpos, e contrariamente ao mecanismo, uma distinção essencial. Mesmo nos corpos inanimados, bem como nos vivos (irracionais), essa doutrina vai encontrar um princípio substancial imaterial. Esse princípio, entretanto, não se confunde com o "espírito" propriamente dito. Pois não tem, como vimos, uma existência própria.

(Conclue na pag. 26)

# CAMÕES E AS ESCOLAS POÉTICAS

Eduardo de Carvalho



*S poetas devem ler-se em voz alta. O som das palavras, a sua disposição, o seu encadeamento, sugerem, muitas vezes ainda mais do que a sua própria significação, o que o poeta deseja transmitir-nos. A poesia é irmã da música: uma arte feita para o ouvido, que através do ouvido cria dentro de nós as imagens, sem necessidade, muitas vezes, de as fixar nos termos que convencionalmente as formam.*

*As palavras, talvez pelo facto de sempre as ligarmos a certas idéias e sentimentos, adquirem uma fisionomia especial, um timbre que se ajusta a sensações determinadas. São por si só evocadoras, gráficas, digamos assim, descriptivas e sintéticas.*

*E não só as palavras: até as letras. O instinto dos povos não cria os vocábulos a troxe-moixe, arbitrariamente. Mesmo os que não são onomatopáicos possuem uma sonoridade representativa, que projecta logo no espírito um quadro, nos dá uma visão especial inconfundível, nos apresenta um aspecto da nossa existência e do mundo que está vivo em nós, ou simplesmente numa vaga recordação, num sonho inexprimível.*

*Veja-se, por exemplo, a vogal i, que nós ligamos quase constantemente a idéias ternas e risonhas; a consoante d, que aparece como inicial de tudo quanto representa força, orientação, império...*

*E tanto nos habituamos a esta correlação íntima entre as palavras, as letras e as noções por elas figuradas que sofremos um desapontamento quando a significação daquelas e a pronúncia de certas vogais não corresponde ao que esperávamos.*

*Assim eu, lendo o francês japper, pensei naqueles movimentos do cão à nossa roda, quando quere manifestar o seu júbilo ou fazer-nos mudos pedidos. E fiquei muito surpreendido quando vi que japper é ganir.*

*Igual fenómeno se deu com o inglês girl. Girl, pronunciado gирle, traz-nos logo à imaginação a juventude, o movimento, a frescura, o sorriso. E sofremos até uma desilusão quando verificamos que essa palavra saltitante, brincalhona, cheia de todo o encanto da aurora, da esperança, da primavera, é desfigurada por uma pronúncia catarrosa e átona — gárle...*



*E o mesmo se dá, naturalmente, dentro da nossa mesma língua.*

*Tendo feito reflexões parecidas com as expostas — mais profundas, é claro! — e outras de que me não chegou notícia, alguns vates do século XIX, prenhes de glória abafada e resolvidos a revolucionar as estéticas, botaram escola nova — cujo nome esqueci — inspirada e baseada em efeitos acústicos e onomatopáicos.*

*Mas tal escola nova era velha, como tudo quanto de novo tentamos. Desde que há poesia e poetas, souberam êstes, pela intuição do seu génio e pelo sábio aproveitamento dos recursos verbais, tirar das suas composições os efeitos máximos.*

*Quem não conhece o valor, a natureza, a essência das palavras, o seu colorido, a sua peculiar entoação e os resultados maravilhosos que das combinações de sons, dos propositados choques de consoantes, da escolha das vogais pode tirar, não é nem pode chamar-se poeta.*

*Camões, grande poeta, usou do vocabulário como de um órgão imenso, de cujo registo fez irromper as mais variadas harmonias, desde o murmúrio límpido e suave das situações amorosas ao atroar bélico e ao estrondo formidável das tormentas, à altissonância, à grandiloquência das invocações e das suas largas, amplas descrições épicas — majestosos frisos em que o relêvo das palavras aumenta o vulto dos figurantes, em que o ressoar destas, a gama dos sons dispostos sinfônicaamente, lhes dá um caráter de vida real, de presença — porque não? — cinematográfica.*

*Camões, como os que o precederam, como os que se lhe seguiram, não desconhecia nada. A única manifestação mo-*

**(Continua na pag. 28)**

# ANCHIETA PRECURSOR DA ESCOLA- NOVA NO BRASIL

Everardo Vasconcelos

(Continuação)

## OS MÉTODOS

**A**nchieta foi o iniciador da *Escola Nova*, no Brasil. Aqui era demais o ensino do latim, e das outras disciplinas em voga na época. O necessário era ensinar a ler e a escrever a língua dos *perós*.

Mas, como ensinar? Livros, não os havia. Além disso, mediava grande distância entre o português e o *nheengatú*, a língua-geral dos bugrás.

Aplainada a dificuldade, Anchieta aprendeu o linguajar bugre, que tinha grandes afinidades com o basco, a sua língua materna. Fez diccionário. Passava as noites em claro, escrevendo cartilhas para os curumis, compondo catecismos e adaptando ao meio os trechos mais impressionáveis da História Sagrada. Assim, era mais fácil ensinar à bugrada. Fazia-lhes na sua própria língua, ensinando-lhes o bom caminho, inculcando-lhes, aos poucos, uma idéia de pátria, o respeito à Lei, o amor ao próximo, o perdão para os inimigos. Dado o primeiro passo, fazendo-se compreender, Anchieta foi intercalando palavras portuguesas e castelhanas, preparando os «línguas» para os futuros colonos.

Os indios, crianças-grandes, facilmente impressionáveis, gostavam dos grandes aparatos. Anchieta notou este particular. Escreveu composições dramáticas — ou autos — que eram representadas pelos catecumenos no Teatro arranjado no pátio do Colégio. Todos êsses autos tinham um fundo moral: a vitória do Bem sobre o Mal, do Anjo sobre o Diabo, do Deus dos cristãos sobre os *espíritos bêstias* das florestas.

Assim, sem o jeito morôso dos mestres burocratas, precupados com o ponto, mas com o jeito de quem, perdido num deserto só devia prestar contas a Deus, Anchieta ia substituindo *tupá*, *anhangá*, *manitô*, por outras divindades mais bondosas. E a indiada ia compreendendo, o que era o essencial. Piás ingênuos e Morubixabas façanhudos...

Gramática, cartilhas, catecismos, composições dramáticas, discursos, práticas, toda uma literatura tupi foi criada por Anchieta para o serviço de catequese no Brasil. De tudo tiravam-se copias para os outros educadores. Cadernos manuscritos, o que dava um trabalho insano. Tinta, havia de sobra. As cunhás preparavam-na. Tinta fabricada com matéria corante de que é rica a flora brasiliense. Tinta indeleável, tão boa como as das inscrições e desenhos das cavernas e faces dos alcantis, expostas ao tempo só Deus sabe desde quando. Penas, forneciam-as as aves que abundavam nos nossos sertões. Papel é que era o problema. Havia, mas, tão escasso que era quasi como se não existisse. Aproveitavam-se as costaneiras, retalhos da correspondência epistolar dos comerciantes, o couro crú ou as folhas secas da *pacóva*. Tudo quanto gravasse a escrita era aproveitado.

Os indios eram todos músicos. Imitavam com perfeição os variados cantos dos habitantes alados das nossas florestas. Nenhum ato, por mais alegre ou mais triste que fosse, dispensava a música. *Borés*, *trocanos*, *inúbias*, *maracás*, *xuatês*, *cotecás*, *butoris*, viviam num incessante *batecum*. Ora monótono e suave, ora saltitante e atraidor, o instrumento indígena estava sempre em atividade, acordando a passarada, espantando caaporas, manitôs, sacis, curupirás e anhangás.

O *Pagé-guassú* enxergou isto e inteligentemente, na primeira plana dos processos chamou os catequese, botou a música. Escreveu músicas simples, estilo gregoriano, monódico, tão simples como a alma dos seus queridos bugres. E era um prazer ver a alegria da meninada. Anchieta organizava passeios. Saía à frente, roupêta fouveira sem caber mais um remendo, pés metidos em grosseiras alpercatas, a carcunda cada vez mais saliente; atraç vinha a miúgal das reduções, entoando os cantos. Os grandes, como magnetizados, iam-se juntando ao cortejo que por fim era um prêstito respeitável.

Nóbrega, deslumbrado com os resultados dos métodos de Anchieta, escrevia entusiasmado ao seu superior, na Europa, contando-lhe que só com a música e harmonia de vozes o irmão Anchieta se atrevia a atrair para si todos os indios da América.

\* \* \*

Foi de fato a música o fator preponderante na redução dos indios.

Canivetes, espelhinhos, contas de vidro, anzoes, qualquer grossoiro colono poderia dar ao aborigene e com isto conseguir a sua amizade; porém não conseguia torná-lo um obreiro do futuro.

Só a *escola-nova*, a utilinda de Anchieta, com o método de aprender brincando — método tão preconizado modernamente — podia transformar o indio em elemento útil à Pátria em formação.

(Conclue na pag. 30)



## ANCORAS TARDIAS

GILDO DANTAS

*Eu quero um porto  
Para amarrar este barco  
Pesado de sofrimentos.  
A viagem já vai longa  
Eu tenho pressa em chegar ao meu destino.  
Já ouvi o canto dos mares tranquilos,  
A raiva das tempestades.  
Já vi o ouro fajsante das auroras  
E o poema iluminado das estrelas.  
Estão me contando tantas histórias  
De muitas Pátrias lindas.  
E olhos macios de ternuras  
Tentam esquecer a nostalgia do Distante.  
Mas eu vou vendo o Ser Misterioso  
Que nunca mais pude esquecer.  
Porque estão me impedindo de receber a mensagem,  
Endereçada ao meu coração?  
E estas aguas são as lágrimas do meu pranto  
Que vou chorando  
Antes de ancorar o meu barco  
Pesado de sofrimentos.*

## WILLY LEWIN, TALVEZ NÃO TENHA RAZÃO...

Guerra de Holanda

“O espírito irônico e o espírito poético se repelem. A ironia é essencialmente racional. É mesmo o requinte do racional. Ora, o poeta é o tipo do que se deslumbra, do que acredita em “mágicas”.

Ecão de Queiroz tentou a poesia e só conseguiu pastichar lamentavelmente Baudelaire. Machado de Assis fez versos e foi um mau-poeta. Nada mais lógico, tratando-se de ironistas tão perfeitos, tão viscerais. Um poeta não pode ser isso que o mundo chama de “inteligente”. Um poeta não é um inteligente. Um poeta é um mágico. Um poeta não analisa o mundo, transfigura-o” (Willy Lewin, “RENOVAÇÃO”, ano II, n.º 2, pag. 22, “De um diário de poesia”.)

Aceitei, de início, o conceito de “poeta” que Willy Lewin nos ensina. Relendo, no entanto, em estudo, POESIAS ESCOLHIDAS de Manuel Bandeira, fiquei em dúvida: Ou Willy Lewin tem razão e Manuel Bandeira não é poeta, ou pode haver conciliação perfeita entre o racional e o poético. E, nesse caso, Willy Lewin está em erro porque dogmatizou: “o espírito irônico e o espírito poético se repelem”. Vejamos uma imagem de Bandeira: “Mangue mais Veneza Americana do que o Recife.” Onde, em todos os seus poemas, mais poesia? “Deslumbramento”. “Transfiguração” total. “Maria” admirável de olhos que vêem, refletindo nas águas humildes do “mangue”, as gôndolas soberbas de Veneza. Milagre emocional. Maneira de olhar diferente as paisagens da vida. Onde, também, maior ironia? O “mangue” que tem mais “canais” do que o Recife, mais “pontes” do que o Recife, mais “perigrinação” de barcos do que o Recife, não é a Veneza Americana. Por quê? Está mais do que claro: no “mangue” não há arranha-céus gigantescos, nem catedrais suntuosas. Não há capitalistas, nem banqueiros, nem intelectuais, nem canhões. O “mangue” é miserável. É “mangue”. Não pode ser, nunca, a Veneza Americana. Leiam “Gêssio”. E a ironia amarga de “não sei dansar”. “A pensão familiar” onde um “gatinho que faz pipí” é a única criatura fina da pensão burguêsa”, Que beleza é o “cacto”! “Era belo aspero intratável”. “Pneumotorax” é outra ironia dolorosa. “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”. Não pode haver poesia mais admirável destemida, e, sobretudo, irônica do que “Poética”. “Estou farto do lirismo comedido... do lirismo bem comportado”... etc. É impossível, por falta de espaço, transcrever, aqui, todo esse poema.

Leiam-no, contudo.

Poema tirado de uma notícia de jornal” é outra cousa “poética” e “irônica”. “Oração a Terezinha do Menino Jesus”, muito bonito! “Perdi o geito de sofrer. Ora essa. Não sinto mais aquele gôsto cabotino da tristeza. Quer alegria”! E “andorinha”?... “Andorinha lá fôra está dizendo: — “Passei o dia a-tôa — a-tôa! “Andorinha andorinha minha cantiga é mais triste! Passei a vida a-tôa — a-tôa”! “Madrigal tão engracadinho”... Há quem não entenda esse poema. É natural... há também quem ande de quatro pés e puxe carroças!... “Ainda existem mulheres bastante puras para fazer vontade aos viciados”. O único poema de Bandeira, talvez, em que ele não tenha sido “irônico”. A ironia cética, a pungente máguia de “Oração a Nossa Senhora da Boa Morte”. Resignação, fé ludibriada. “Que eu sei o avesso das alegrias”. “Tudo que viesse, viria tarde”. “Momento num café”, admirável! “Conto cruel”. Ao português falta um adjetivo para qualificar “Conto Cruel”. “É mesmo o requinte do racional” porque é a ironia trágica, ferina, causticante, horrivelmente cética, como toda ironia que sai dos lábios de Manuel Bandeira homem “inteligente” e homem “mágico”. A poesia e a ironia estão abraçadas no coração desse grande poeta.

Leiam-no!

Willy Lewin, talvez, não tenha razão...



Monteiro — Homenagem á Wafteau

# ATRAVÉS

"O BRASIL QUE EU VI"

Autor WOLFGANG HOFFMANN-HARNISCH

**T**EMOS, já, assinalado nestas páginas o sentido dos livros de estrangeiros em nosso tempo, sobre o Brasil. Enquanto os livros do passado, caluniam e agouravam a nossa organização social, os de hoje, pelo contrário, são livros de entusiasmo, de fé, de verdadeiro estímulo.

Contrapondo-se aos conceitos acabrunhantes do século passado, temos, hoje, as opiniões valiosas de Roy Nasch, Keyserling, Luc Durtain e agora de Wolfgang Hoffmann-Harnisch, da Universidade de Berlim, que afirmam a nossa capacidade de pôvo e a força com que o Brasil está impondo-se aos olhos do mundo.

**Harnisch** comprehendeu, profundamente, o nosso país. Penetrou desde o sentido particular que se colhe nas entrelinhas dos dados estatísticos até os grandes fatos históricos, num entusiasmo sentimental pelos nossos feitos, como se fosse um brasileiro qualquer, no sagrado sacerdócio do **ufanismo**, que muitos ridicularizam.

Começa pelo Rio de Janeiro "o mais belo dos pórticos". Vê o nosso "catolicismo tropical" no rico colorido das igrejas. Como bom alemão não deixa de soltar, sempre, um detalhe desconhecido da nossa história. Segue-se o que ele chama a "guerra perpétua do Brasil", contra as cobras, o Instituto Butantan.

Fala em S. Paulo. Admira o seu poder que "provém de forças magnéticas, de forças inatas ao homem desta terra", o que referimos freqüentemente nestas páginas.

Em seguida refere-se à nossa literatura, num esboço apressado, porém, que assinala as principais facetas de nossa vida literária. Vem, então um estudo meio romanceado sobre o café. Muito interessante e cheio de observações notáveis.

Seguem-se "Na selva", "Bandeirante do ar", Santos Dumont, "Ouro-Preto, alma do Brasil", "Baía" e finalmente um estudo socio-filosófico sobre o Brasil em conjunto.

Este último é exclamativo. Enche-nos de orgulho. **Harnisch** penetrou, agudamente, em nosso substrato sentimental. E soube compreender as nossas deficiências e o sentido relativo de nossas inaptidões. É um manifesto de fé, de crença em nosso destino missionário. Fala, mesmo, admirando nossas realizações, em um "Milagre Brasileiro". E crê no sentido revolucionário de

nossa existência. Afirma: "O Brasil revoluciona as concepções de espaço, quantidade, força". Mais adiante: "O Brasil com as riquezas imensas, com a sua posição privilegiada, desempenhará ainda na vida cultural e econômica do mundo, um papel de importância tão grande que **revolucionará o mundo**".

É incalculável a alegria que nos invade quando lemos palavras valiosas, autorisadas e insuspeitas como estas. Não que não as esperassemos. Mas, como atestado indiscutível, capaz de calar a muita gente descrente a desvirilizada por um intelectualismo feminino, de que o Brasil tem de ser uma pátria forte, uma nação máscula.

**Hoffmann-Harnisch** voltou à Alemanha fascinado, e, com uma nova concepção do mundo. Não sômos para menos.

Em resumo: "O Brasil que eu vi" é um bom livro, escrito numa linguagem suave e clara que nem parece ter sido escrito por um alemão.

A Cia. de Melhoramentos de São Paulo, editando-o prestou um grande serviço à nossa gente. Damos os nossos louvores.

Augusto Duque

## NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS LITERATURAS

Autor Manuel Bandeira

**N**APOLEÃO meditando sobre a história da França, disse: "A nossa História deve ser escrita em quatro a cinco volumes ou em cem" (1).

Quantos volumes não exigiria para a história das literaturas?

Para evitar um tal dilúvio, um simples volume, como acaba de publicar a Editora Nacional, de São Paulo, de autoria do poeta Manuel Bandeira, seria uma síntese ideal.

Todavia, o mais sério defeito desses resumos, noções ou sínteses, consiste nos detalhes sobre a ferida do pé do poeta, e sua miserável morte no abandono, que contrastam com as sínteses por omissão, com os "racourssis" demasiados a ângulos vivos que frisam com deformação.

Devemos apreciar não obstante a corajosa iniciativa de Manuel Bandeira de colocar ao alcance da inteligência e da bolsa dos estudantes do Externato Pedro II, uma matéria vasta e tão difícil a destrinçar.

Como dizíamos acima, certas sínteses por demais simplistas não satisfazem, e é o caso da parte relativa a literatura brasileira, "Correntes modernas", onde o autor parece afirmar que, todo esse belo florescer da mo-

# OS LIVROS

derna literatura nacional surgiu de uma visita fortuita de alguns rapazes de São Paulo a uma exposição de pintura de Anita Malfatti.

Assim inicia Manuel Bandeira, o capítulo das correntes modernas: "O modernismo brasileiro começou pelas artes plásticas. Em janeiro de 1916 a pintora Anita Malfatti realizou em São Paulo uma exposição de pintura, na qual além dos seus quadros, influenciados pelo expressionismo alemão, apresentava algumas telas de cubistas estrangeiros".

Não aceitamos esta versão por mais simpática que ela pareça às artes plásticas, esta introdução sonora, assemelha-se algo à descoberta do Brasil: "Navegava Cabral para as Índias quando, para evitar calmarias da costa d'Africa afastou-se tanto delas que foi avistar do outro lado do ocidente uma terra desconhecida".

Todavia, a descoberta por acaso é legítima e oficializada nos compêndios de história; talvez a história tenha razão: mística e poesia não se explicam.

V. M.

(1) — Memorial de Saint Hélène.

## À MARGEM DE UM LIVRO DE CRÓNICAS FRIVOLAS

WILLY LEWIN

Altamiro Cunha é o que já fui há cerca de doze anos: cronista mundano. E acaba de fazer o que nunca me passou ao menos, pela cabeça: publicar em volume algumas das suas crônicas.

Não registo esse fato me insinuando «superior» ou «mais sério» do que Altamiro. Os que me conhecem mais intimamente bem sabem que para mim não há assuntos que não sejam ou não possam ser «sérios». Sou menos um clássico do que um romântico. Ou de que um poeta, si preferirem. Também sei amar os «dessus de porte, toiles de saltimbancos», de que nos fala Rimbaud.

Não tenho, pois, nenhuma razão profunda contra os que fazem crônica mundana — onde a poesia pode respirar tão livremente como em qualquer outra atmosfera — do mesmo modo que não me arrependo de nenhum assunto de que tratei quando era cronista de frivolidades. Si de alguma coisa me arrependo é da maneira, do «espírito» com que os tratei.

Altamiro publica o seu livro com uma absoluta «inocência», uma absoluta convicção. Não tenho o menor desejo de sorrir quando o ouço falar de mulheres, tecidos e perfumes sofisticados neste 1940 cheio de angústias e de flagelos. O que sinto é uma pungente melancolia.

Imaginem que um amigo — rico, viajado, feliz — viesse visitar-me e, enquanto os rádios da vizinhança desfiassem os últimos comunicados da guerra, esse amigo, acedesse um cigarro e começasse a dizer-me com volubilidade: — Evidentemente não saberia descrever-te certos crepúsculos à margem de lagos serenos ou certas «vilas» do Mediterrâneo rodeadas de ciprestes... Em Biarritz quando... Em Deauville, por ocasião... A propósito, as mulheres mais belas de toda a Europa creio tê-las encontrado em...»

Imaginem isto e me digam si não dá para apertar o coração. Pois o Altamiro nos fala dessas amenidades, desses repousos, dessas coisas remotíssimas.

## UM CRONISTA MUNDANO

Antônio Rangel Bandeira

Naão sei se eu tenho ou se não tenho olhos para a crônica mundana. O que eu sei é que Altamido Cunha é um cronista mundano. Um homem que vive preocupado com "as estilisações de Chanel", com "o perfume sutil das folhas de Rocaille", com as criações de Jean Patou e de Antoiné, que ama a beleza das mulheres e que tem uma vida calma e sem grandes agitações. Mas, Altamiro não faz crônica da realidade. Faz crônica das suas fantasias e da sua imaginação. Vive sonhando com os mares do sul e vive numa cidade como o Recife onde o mar é despresado (o grande e verde mar) como o que sobrou dos rios. Se pensa na que algum dia virá com "um corpo agil de bailarina", logo cedo se desilude: "Fumo inúmeros cigarros e tu não vens". Tem o cronista alguma coisa de "anjo" nas suas confissões e nos seus conselhos alguma coisa de "anjo" nas suas confissões e nos seus conselhos. De "anjo", cujo desejo que tem, as vezes, de se tornar imoral, se inutiliza na pureza com que se refere aos mistérios do sexo, que transforma num verdadeiro misticismo quasi maometano. De "anjo" que escreve sobre certos temas difíceis como o da página 99, do seu livro "Imitação da vida", com uma ingenuidade e com uma sinceridade que afastam o ridículo e o mozaresco do nosso cronista. Quando sente que "o vento que vem do mar traz o aroma da tua lembrança", não sabe o cronista, o cronista mundano e o mundano das garçonnières que está amparado nos braços — que são também quentes — enloquecedores da Musa. Desta, si o cronista conhece os seus encantos mais secretos, não me parece. Os encontros que tem com ela são furtivos e rápidos. À Musa prefere as cônias de Venus. Uma Venus meio mulher, meio sonho. Uma Venus cínica que dansa "os bailados dos gestos fatigados", que fica com os "cabelos despenteados como a ave satisfeita que alcançou o calor do ninho", para depois fazer o rímmel dar "brilho aos olhos cansados".

Acontece que as vezes — o que não é frequente — o cronista se preocupa com os namoricos suburbanos. Resultado dessa preocupação é uma crônica saborosíssimas "Quadro da noite azul", onde uma falsa Marília e um Dirceu de "altitudes engomadas", enchem de assunto uma "ruazinha familiar".

São crônicas leves as de Altamiro Cunha. Escritas com sentimento, sem demasiada afetação e com uma continência no estilo, que sem atingir grande força de expressão, deixa nas entrelinhas sugestões que concorrem para afirmar a sua personalidade.

O excesso do — literário — que há no livro se não lhe aumenta o mérito, também não lhe deprecia: serve apenas para nos revelar um inimigo dos literatos... Não sei se eu tenho ou se não tenho olhos para a crônica mundana. O que eu sei é que Altamiro é um cronista que me agrada.

# UM POÉTA PARISIENSE QUE AMA O BRASIL

VICENTE DO REGO MONTEIRO



EO Charles é o menestrel dos cânticos plásticos das belezas do Brasil.

Sua estada em nosso país marcou-o para sempre.

A nostalgia e o mistério das noites cálidas das nossas praias, do céu que funde-se com a mata, onde os vagalumes, estrelas fosforescentes, lutam de intensidade com os meteoros no espaço, concentram-se nos seus versos e fazem-no dizer:

Ó Musa do Brasil que tens os cabelos cheios de vagalumes de jasmins, de ouro, de estrelas e de olhares de crianças eu te amo, te adoro queimas o meu corpo.

Em outros versos suas saudades daqueles cantos ouvidos alta noite, de algum mago violonista, encontram forma musical e pictórica, assim:

Suas mãos sonhadoras acariciando o violão são duas nuvens — nuvens que choram.

Seus olhos interpenetrados da poesia tropical, ao deparar nas praias de Olinda, a joia viva do beija-flor, extasiam-se e descobrem um mundo desconhecido que se agita sob a varinha mágica do pássaro flor.

O mundo infinito dos insetos e dos pássaros, os feixes dos raios solares desenhando e silhuetando milhares de corpúsculos desconhecidos, nascentes, poentes, ocasos miríficos, fermentação e germinação, os tecidos líquidos das plantas, a mata que ondula seu aparelhamento ao sopro do vento, entrechoca seus mastros linheiros, seus brandais, seus calabres de ovens de enxarcias de cordas de cipó, trançados como cordames feitos por marujos dalém mar.

Os olhos do poeta esportivo acordam para a vida misteriosa da mata brasileira e encontram a ceiva catálica da flor que é a própria poesia.

O Beija-flor que os primitivos habitantes do Perú denominaram, pela beleza de sua plumagem, "cabelos do Sol", inspirou a Geo Charles um lindo poema, colorido como os ramalhetes e adôrns confeccionados pelos índios mundurucus, com as peninhas multicores da passarada nativa, e a do próprio beija-flor rubis-topázio, grenat, ametista, esmeralda, furtá-côr, verde ouro, púrpura e negro veludo.

## O BEIJA-FLOR NA PAISAGEM

Geo Charles

O beija-flor dum vermelho desconhecido  
esvoaça tão rapidamente  
que se envolve de fino véu.

Ele bebe uma florsinha mais amarela que uma borboleta  
e do seu bico de coral partem gritinhos  
A joia beija-flor vôa ao coqueiral  
que risca o azul do céu, de verde e ouro  
o caranguejo tão amarelo e branco como o canário  
abre seus olhos escuros.

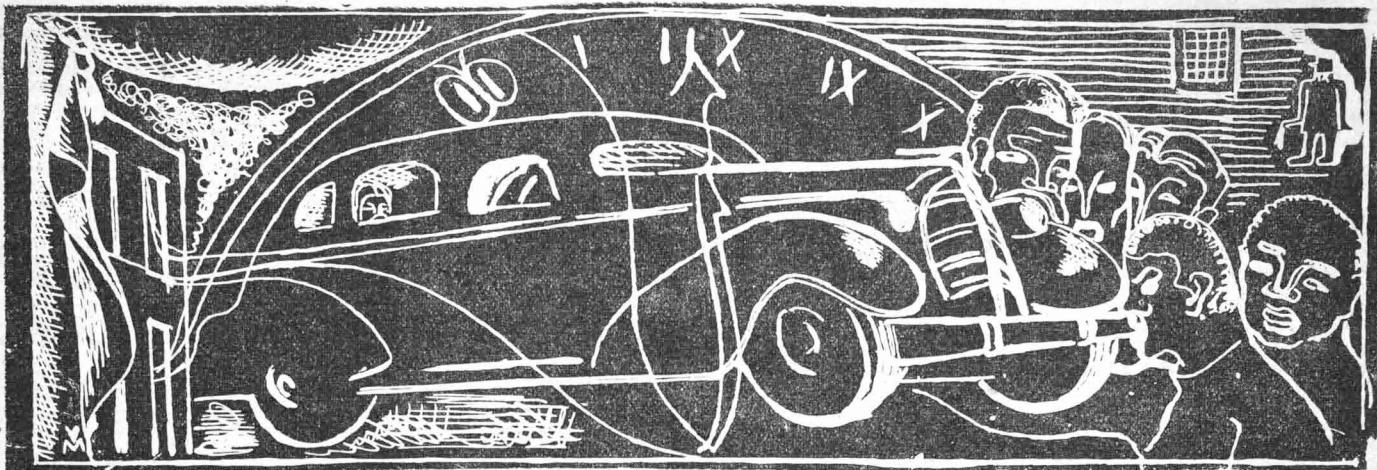
Os pescadores negros voltam  
à sombra de grandes borboletas.  
Carregados de peixes côr de áras  
com reflexos de caramujos  
e barras de ouro matizam-os  
como o ocaso.  
Os olhos dos peixes, redondos e negros,  
são angustiados na morte  
e envoltos de minium e ouro  
como os mártires dos Primitivos.

Vejo formigas de azas com os seus corposinhos de ánforas  
voar maiores do que zangões  
Vejo os coqueiros erguerem as cabeças  
na luz branca,  
alinhandas suas finas pernas  
de corceis do Brasil  
espreitam trepidantes ao vento  
sob os seus pequenos penachos.

Um coqueiro isolado roda, como na Europa  
as azas dos moinhos de vento.  
As cigarras verrumam o silêncio  
o calor azul a verdura crespa  
Um escaravelho de cobre e hervagem  
pousa sobre o meu ombro.

Um beija-fôr grande como uma libélula  
bica na flôr batendo azas  
Como é lindo. Meu coração pára.

Fiz a confidência de meu sonho  
às orelhas de ouro de exótica beleza  
de campainhas amarelas  
de folhas em espelho e palmas agitadas  
num cenário teatral de cipós verticais  
de celestes zurras e Pontes de Arcadia.



## ... MAS OS LOUCOS GRITAM NOS PÁTIOS

Por Gonçalves Fernandes

NOVELA — Copyright de RENOVAÇÃO

(Conclusão)

Adiante o pretinho que viéra de Areia Branca tão gordo, está chagado da pelagra da cabeça aos pés. Mal pode sustar a vida e ainda diz como no primeiro dia em que chegara:

Sou — o—ti—ro—tei—ro—da—areia—do—ouro! Papai me dá um dôce! Papai eu quero sair!

Dantas sentiu vontade de sair, de ir se embora para muito longe. Naquela dia nem remedios tinha na farmacia para aguentar mais um pouco aquelas vidas que se esvaliam sem o socorro. A enfermeira tremeu as palavras quando disse que os remedios tinham acabado. Dantas deu o que tinha no bolço para ela mandar comprar mais.

— Do seu dinheiro?

Ela perguntou depois se era para os que estavam morrendo. Dantas disse que para aqueles não. Que dêsse aos outros que ainda podiam escapar. Podia ser que assim se segurassem até que resolvessem lhes dar remedio e comida. Para os outros? Para os outros, só mesmo a morte era o remédio.

Nos pátios uma quietude parecia agouurar a morte que rondava pela enfermaria. Parecia que a própria loucura se comovera com a desgraça dos corpos dos agonizantes.

Foi o administrador que veio avisar. O superintendente e mais alguns funcionários graduados vieram visitar o hospício. Vieram vê os melhoramentos...

Melhoramentos. MELHORAMENTOS? Mas onde estão os melhoramentos, seu Augusto? perguntou gritando Dantas. Seu Augusto mexeu com os beiços mas não disse nada. Não achou de dizer outra coisa senão que estavam esperando o alienista. Antonio Dantas saiu devagar e foram as visitas que vieram ao seu encontro. O doutor Oliverrinha, intendente interino que substituia Martins (o amigo do jornalista da cartucheira que fôra demitido), pelo geito chegava longe... O "super" virou-se para Dantas, bateu nas costas dêle, olhou, muito superior e imponente para tudo aquilo, e sorriu triunfante. Sim, senhor, dizia, aqui está o hospital-colónia magnífico! (o magnífico abalou mais o alienista do que o sócio de Silvio) Correram as coisas bonitas do hospício como quem vê as curiosidades dum circo e depois decide se deve ou não vê as feras nas jaulas. Correram as coisas bonitas do hospício: os laboratorios onde quasi não se podia mais fazer exames, por falta de material, a farmacia impudica, de prateleiras nuas, o salão de visitas do sanatório, a sala médica, as plantações... As plantações. Ai todos param como para dizer: sim senhor! plantação de doidos!

O "super", muito superior, acende outro charuto. E como quem não tem nada para dizer e procura a graça besta ou a injuria disfarçada, boceja:

— Sim senhor, seu doutor Dantas! Então, tem matado muito doente?

Antonio Dantas olhou seu Pedro e seus olhos se fecharam em fres-  
ta. Tem matado muito doente? a pergunta estava parada no ar. O  
doutor Castrinhe, seu Souza, as outras visitas olhavam o médico espe-  
rando a resposta que já estava criando angústia. O homem zangara?

Antonio Dantas não via somente o seu próprio sofrimento. Na-  
quêles segundos que medeiam as suas palavras quem estava diante  
da sua vista era Eraz agonizando, era o negrinho de Areia Branca ago-  
nizando, eram os doentes em carência, era dona Adail comprando re-  
medios com o seu ordenado, era Izabel marchando como um pato, es-  
qualida, os grandes olhos fóra das orbitas quasi sem vê e tão grandes,  
eram todos os doentes que estavam diante de quem tinha a obrigação  
de os defender.

E as palavras vieram quebrando o silêncio e a ânsia:

— Matar doente... Há alguém que os mata, sim. Mata de fome...  
Toda a sua revolta grifou o choque e todo-o-mundo estava siderado  
com a verdade que não se ousava dizer. O "super" engoliu em seco,  
tentou fazer um ar de dignidade e voltou as costas. Ninguem disse  
mais uma palavra e o cortejo voltou como se volta de um enterro.

Antonio Dantas tinha enterrado a sua carreira no condado.

Lá na enfermaria, banhada de sol, Braz estava recebendo a extre-  
munsão. Falava ainda:

— Subirei com os anjos. Recebe meu filho, Deus e minha mãe.  
Abre-te céu. Espera que a tarde vai chegar e cumpre-se a palavra do  
profeta! Recebe Braz, meu filho dileto, que não caiu na tentação...

A fala de Braz misturava-se com as orações do padre Leal, e por  
dois caminhos diferentes duas almas voltavam-se para o Cristo. O  
pretinho de Areia Branca continuava ainda:

— Pai, eu quero sair  
Me dá um dôce...

13 Mercês não atendeu ao pedido para que ficasse. Chamou o dono  
da casa para o fundo do terreiro e disse em voz baixa: não vê que  
eu tenho medo do fanatismo? Que diria o Menino de Deus, tão bom-  
zinho me acompanhando, se me visse fazendo minha condenação?  
Tenho medo do fanatismo, meu senhor, do fanatismo, ouviu?

Deu a bênção ao povo e desceu estrada a fóra. Que coisa! comentava todo mundo. Que coisa! E' um santo, direitinho como frei Fa-  
biano de Jesus!

No Arraial foi mesmo Maria do Arraial quem recebeu Mercês, todo  
empoeirado, a batina de mescla quasi cinzenta de pó, e quiz contratar  
éle para dar lição de catecismo na sua capela. A feiticeira viu que  
era um louco manso e imaginou o que não seria dos seus domínios  
com um padre daqueles com ela. Mercês disse missa na capela sem  
errar um padre-nosso parecia um padre mesmo de verdade (Uma vez,  
no interior, um padre assistiu uma missa rezada por éle; quando éle  
acabou, o padre disse: pode ser tudo, mas que é padre, é). Mercês  
quando acabou de tomar café na mesa bem posta do chalet da beira  
da estrada, disse que não podia aceitar. Tinha uma missão a cumprir.

Tinha que ir a Mato Grosso fazer a catequese. Não estavam vendo que o Menino Deus estava ao lado dele, numa nuvensinha cor de rosa? Tinham mas era que correr mundo.

Passou a barreira da polícia com todas as regalias de padre. A noite que tinha baixado não deixava ver direito sua batina de mescla coberta de poeira. A silhueta era daquelas padres alemães que passam sempre por ali de bicicleta. Era mais um na pele de padre alemão.

**14** Mercês fugiu, Braz morreu, mas felismente ele era mas doido. Cadê que a terra se acabou? E' melhor morrer do que não poder fugir daqui. Frazão passa o dia todo gaguejando coisas. De tanto falar sem comer está se acabando. Mas comer o que? Aquele pão sem manteiga? Aquele almoco que outro dia doutor Dantas disse ao administrador que não se dava nem a cachorro? Aquele munguzá todo o dia, sem variar, rálo. Si não fosse as frutas que o médico mandou plantar que é que se podia comer mesmo? Ai meu pai, a que está reduzido um filho dos Rocha! Cadê meu avô que era um cangaceiro danado? Mofino e todo escuhambado, até pelo negro Bbil! E o fogo me queimando a cabeça, vindo não sei donde, tantas raparigas no bairro chinez e eu aqui na brenha, me acabando tostado por dentro sem niguém acudir! Oi fogo danado! Não bôde...

Ah! doutor Antonio, me deixe ir hoje ao cinema. Eu vou, seu Coelho. Me comporto direito. Faça isso não... Vou direto, garanto. Não. Naquele dia a culpa não foi minha. A rapariga me chamou. Foi porriso que eu disse aquelas inconveniências no bonde.

— Vem Virginia, vem depressa enquanto é tempo! Os médicos enloqueceram particularmente, e vão romper com o superintendente, enquanto Zé Coelho saboreia charutos e mais charutos e carimba os papéis na secretaria das finanças. Os trilhos estão sendo recortados em papel e quando o molde estiver pronto, devidamente, se assentará em bases de paralelipípedos, e virão bondes novos da Alemanha. Cícero arrisca a vida no alto da torre do reservatório, enquanto das estações de rádio estão tocando violino e Olegario ergue a batuta. Vai começar o espetáculo e arranjam bons lugares meus senhores e senhoras! A questão da falta de energia elétrica vai ter solução e, enquanto os jornais não anunciam novos melhoramentos, contentemo-nos com Angelina e Antoninha na casa onde nasceu o herói de 17. Publiquem-se bons romances que o profeta dorme o seu sono melancólico. E passem na ponta dos pés, mas quem diria que as ondas heréticas fizeram o milagre da redução do ouro metálico nos saldos orçamentários? Rasgue-se o véu do templo porque Salomé não atende aos inúmeros pedidos e o Bolero não será executado. A história ficará mesmo sem revisão porque os redatores estão ocupados com o elogio. Mas os convidados de honra terão assento na assembleia e o circo vai começar a função com os competentes números de corda e os artistas e as feras serão exibidos com aparato. O grande urso não comparecerá porque está incomodado com o calor e não se satisfaz com a brisa da várzea. E' preciso atender com urgência e os frigoríficos hipotecados estarão a postos no momento. Serão servidos finos manjares, e Praxedes traçará linhas com o devido apuro. Os feitos de arame vão ser surpreendentes, e Newton, especialmente convidado, observará novamente a queda de uma maçã enquanto Guilherme Tell fará partir a flexa oportunamente, e o caso se decidirá no fórum. As borboletas serão cuidadosamente espetadas em alfinetes e colocadas em estufas a 50.º centígrados. Então se fará um milagre e as rosas se curvarão nas hastes à passagem do menestrel. As trombetas de Jericó, muito bem conservadas, anunciarão o início do desfile e que ninguém se incomode com os distícos partidários que o Grão Mestre contempla com o gracioso desprezo. Não há de ser nada, porque as fazendas já foram adquiridas e apresta-se o palacete da campina com alfaias e régulos. E' quando se acendem as luzes e o maquinista verifica que o cenário está fóra de foco. Mas o "show" não pode parar porque não há niqueis para devolver os ingressos, e o porteiro de há muito foi promovido por merecimento. Distinguem-se as estrelas muito bem acondicionadas e o "super" vai visitar o hospital. Não haverá incidentes porque tudo se passa na tela, e os diálogos foram muito bem estudados com antecedência. Mas como costuma acontecer o desenho animado não comporta os apartes da assistência. E é o que vale, porque em caso contrário o Camodongo Mickey, doutor honoris-causa, poderia contrair a raiva e o Instituto Pasteur da região de há muito que cerrou as portas. O programa está sendo escrupulosamente cumprido e os defeitos e omissões o inteligente deverá compreender. Qualquer apelo feito será mal interpretado, e que se abstêm de todo comentário enquanto durar o espetáculo. A palavra é prata, o silêncio é ouro, e qualquer encômio será de muito bom partido. Mas as válvulas dos compressores não poderão resistir à condensação de tantas atmosferas. E o desastre não acontecerá irremediável porque os tanques estão vazios e o engenho está no seguro, como medida de precaução. No sub-solo as minas estão sendo exploradas à distância, e o carvão de pedra é tão demasiado bom que traz a marca Cardiff. Os embaixadores irão passear na avenida, pois há muito dinheiro de mais nos cofres da Associação Comercial, e não se atenderá ao alienista porque é mistério dar romances históricos e não licenças ao respeitável público. Assim se plantem laranjeiras, devidamente distantes e acubadas, e aguardemos o fruto, enquanto os próprios limpam o picadeiro. Vai finalmente aparecer o grande número e podem afixar a máscara da emoção incontida. Os músicos pararam a valsa no meio, e o Rio Vermelho vai ser atravessado a seco, enquanto não chegam os filisteus. O que vai à frente é Pedro, o que empunha o estandarte é José, e o que toca pifano é Francisco. Mas o que manda em todos

é Flavio, e quem dita as taboas é o conselheiro, enquanto a tribo se muda. E os pastos de verde relva apareceram nos sonhos, e vacas gordas foram anunciamadas em linda profecia. Assim ele prosseguirá a marcha. Jezabel que não se aproxime. Nem as três Marias conseguirão quebrar o encanto que a pitonisa depositou na boceta de Pandora. Os três reis magos estão atrasados, e sentimos dizer que não chegarão a tempo. Emfim, meus senhores e minhas senhoras, sirvam-se a vontade enquanto a toalha está posta e o mordomo não preferir a arquidiocese ao domínio absoluto do hotel. As reservas estão esgotando e quem não se apressar não comerá no prato. A pedido de vários senhores teremos escarradeiras nos cantos da sala e os tapetes estão sendo cuidadosamente retirados. Serão distribuídas gratuitamente ventarolas-reclame, e não temam discursos brilhantes ou improvisos de folego. O escrafandrista não permitirá a concorrência e os bombeiros estarão presentes. As reminiscências farão as horas da sala, enquanto o vilão se esconde habilmente. Chegará a vez de se manifestar o Instituto Histórico, mas as gazetas prudentemente ocultarão o herói pelo sofisma da figura zeugma. Não há o esclarecimento necessário nem as solicitudes do estilo serão permitidas até que o opilado tome folego. Serão consultados os sete sabios da Grécia mas a dificuldade consiste em encontrá-los, o que todavia não será de todo pretenção descabida. Não se cultivam, por acaso, perolas artificiais nas águas turvas do arquipélago? Nas proximidades do aniversário natalício de Arlequim os tributos serão diminuídos e que dos feudos lhe enviem propinas os barões assinalados.

.....

O poeta Silvio escutava distante, e quando do ecrã mágico partiu o intervalo, escreveu como quem dita uma carta, indiferente à própria beléa que emana:

Ilusão da vida. 2.ª Edição.  
E ao declinar da tarde  
canto olhando para o céu  
em harmonia entregando o corpo ao Destino.

Pois torno a frizar meiga Luzia  
Teus meigos olhos amparou-me  
como o vento ampara  
a fôlha que se desprende  
do seu avoredo  
tombando no gason como a deitar bebe no berço.

Quando Antonio Dantas o véu vê, e observar se ele podia receber a visita da esposa, Silvio deixava cair as últimas palavras do verso. Estava tão tranquilo, tão figura de romance, que o médico esperou não reagisse muito vivamente ante a mulher amada. Ele recebeu-a sorrindo e quando ofereceu a poltrona para que ela sentasse, parecia nos bons dias da enfermidade. A senhora Silvio Araujo oihava como quem vê no espelho a própria desgraça, como quem está frente à frente à própria infelicidade, e não sabe porque há de suportá-la. Em cada gesto não conseguia ocultar a revolta ante o destino que a fizera uma espécie de viúva sem marido morto, esposa de um corpo que perdeu o espírito, mulher de ninguém.

Silvio sorria como a uma pessoa invisível e quando voltou para a mulher já não tinha os belos olhos parados. Luziam nêles a colera inesperada e a tempestade da conduta ambivalente explodiu!

P...P...P...

Antonio Dantas abraçou-se a ele quando o poeta partiu para esmagá-la. As enfermeiras acudiram. Silvio foi levado para o pato. A senhora Silvio Araujo ficou mesmo onde estava. Nem se mexeu. Chorava em silêncio e quando levantou a cabeça seus olhos mareados cresciam a fascinação. Antonio Dantas levou-a calado até o automóvel, e só a arrancada do motor quebrou o silêncio comum. Despediram-se em silêncio, e no interior do coupé ela cobriu o rosto com as mãos longas.

Pelo vidro da capota Dantas viu a sua nuca descoberta emergir da sêda negra do vestido como uma mancha.

**15** Agulhas. Manômetro de Claude. Tubos de ensaio. Luvas esterilizadas. Luvas? Você faz isso com luvas, Dantas? Que requinte, hein? só falta mesmo o campo, como os especialistas norte-americanos... O assistente prepara a nuca do enfermo. Dantas pede que ele fique quieto um instantinho mas toma as referências e logo a agulha penetra vagarosamente. O tubo, pede Dantas. Atingiu o espaço? Agora, agora.

Eis aqui, fala o alienista. E da agulha espetada na nuca do homem brota o líquor, limpidão, "água-de-rocha". O laboratório dirá o resto. Pronto: gaze, iodo, esparadrapo.

Logo mais Almeida está falando: onde estão os chefes da minha terra? Lá do município? Cada um dêles ama peitas e corre em busca de recompensa. Não dão justiça ao orfão, nem a causa ao homem, e isolam o réto. Lá está no livro sagrado: Portanto diz o Senhor Jeová dos exércitos, o Poderoso de Israel — ah! livrar-me-ei dos meus adversários, e vingar-me-ei dos meus inimigos; 25 voltarei a minha mão sobre ti, e purificarei com potassa a tua escoria, e tirarei de ti todo o teu estanho; 26 restituir-ei os teus julzes como foram dantes, e os teus conselheiros como no princípio; depois serás chamado a cidade da justiça, à cidade fiel. 27 Sião será remida pelo juízo e os que re-



Aqui o mar é verde e o sol tosta o meu corpo e rólo na areia dourada. Minha mulher moreneia-se perto e minhas filhas brincam com conchinhas e mariscos.

gressam a ela pela justiça. 28 Mas os transgressores, e os pecadores serão destruídos juntos e os que abandonarem Jeová perecerão. 29 Pois si terá vergonha por causa dos jardins que escolheste — olha aqui: dos jardins que escolheste.. Sabes que jardins são esses? hein doutor Osiás? Não sabe não? Pois olhe só os jardins dos palácios das campinas, propinas e mais propinas. Ah! Vou continuar: 30 pois vos tornareis como um terebinto cujas folhas são murchas, e como um jardim que não tem agua. 31 O forte tornar-se-á como estópa, e a sua obra como faísca, e ambos arderão juntamente, e não haverá quem as apague. Sabe quem disse isso, hein doutor? Pois está lá no Velho Testamento! Sião será corrompida, mas ainda será redimida!

Silvio passa pelo corredor. Vai murmurando: os equívocos dos maleiros farão com que o Doge desça as persianas. Então o amaror dos lamentos distinguirá o anjo do animal. E cantarei as hosanas nas praças, eu o poeta! A vitória será um sulco, e o humus correrá pelo entalhe. São as superfícies cultivadas que fazem mal ac país. Nada em profundidade. Os ictéricos lutam contra os pletrônicos nos campos do oriente, e há quem exalte a antropofagia! Vamos tingir os homens em cônices fixas, para evitar que elas vivam sempre desbotando quando andam na chuva. Os amarelos sofrem do figado. Os negros serão lagueados e sorrião côn-de-rosa como os bebês. Então dar-se-á a nívelação esperada e o pecado primitivo será resolvido pela equação de Keppler. Valorissemos as céulas, e os sistemas glandulares serão acobertados dos trusts por um Comitê do Sexo. Corot decorará o hall, e Renoir, especialmente convidado, nos conduzirá à eterna primavera e rosas florirão na seiva que sobrar. Assim teremos duas estações, porque no hall a neblina posta pela palheta do artista fará desnudada a copa das árvores. Ibsen terá uma herma, mas consagraremos Wasserman, e teceremos louvores a Niessen com todos os seus cônitos, que terão caráter histórico. Porque as bisnagas de dentríficio passarão a conter pomada de Metchnicoff e o galá não contrairá a doença. Não é Janjão?

— Pode ser ou não ser. O que será do estudante timido com medo de dizer ao pai? Por menos do que isto digo todo o dia: comecei no ancoradouro, gosei no Hospital Colonia! Espere aí, que vou direito sem me pegar...

O guarda trouxe ao médico a carta enviada da secção pelo doente obs. 159. Silvio cala-se e vai para o pátio, e do envelope aberto estampa-se: "O papel: Sr. Padre Delgado, sr. cônego Borges, sr. bispo Adauto, sr. Cardeal Sebastião, que nosso Senhor Jesus Cristo e a Sagrada Família nos acuda e tenha compaixão das suas almas respectivas. As orações de hontem a noite foram oferecidas a Jesus Cristo e a Sagrada Família em intenção de todos os santos, recebendo os sinais divinos. Hóje pela manhã cumprí a mesma obrigação, recebendo os sinais divinos. Indo a missa na mesma intenção, ao terminar no altar da Sagrada Família e minha madrinha Nossa Senhora da Conceição, fui premiado com a ordem do Tribunal Divino de intimar os senhores seguir no dia 3 deste à Capital da Cidade pôr em liberdade Frazão, que está preso há quatro anos com o título de doldo. O outro é o padre Mercês, que abraçou a carreira de Santo Antônio e São Francisco, e foi preso miseravelmente por vocês fariseus, colocando-o naquele carcere no meio dos loucos, despidos e famintos, com o fim de suplantar-lo e obrigá-lo a obedecer seus caprichos, suas baixas hipocráticas, seus modos de fazerem da Santa Sagrada e abençoada

palavra da Sagrada Família uma casa de comércio. Eu, Almeida, tenho a maior satisfação de cientificar não só às autoridades do nosso glorioso país, como a todas as autoridades dos países estrangeiros, igualmente à Nação Brasileira e a todas do Globo Terrestre, que sou o simples e humilde criado da Sagrada Família cumprindo o dever e a ordem. Caso os senhores não atendam este despacho, assumirão toda a responsabilidade perante o Tribunal Divino conforme as determinações. Tamem científico-vos que não aparecendo um entendimento entre as autoridades com a minha pobre pessoa e continuando as perseguições com especialidade nas Basílicas de Jesus Cristo e a Sagrada Família que muitas vezes não posso cumprir o meu dever, virão da Corte Celeste seus vasos de guerra aos nossos 21 portos do nosso glorioso país, tocar marcha de guerra e destampar tiros de pavora séca com areia da praia e perguntarem o motivo de tamanhas perseguições".

Do seu quarto Almeida gritava como se visse cercado de padres: Srnho don Adauto, está achando bom estar no meio da mata dos macacos? Ah! Seu doutor Tavares, está achando bom estar debaixo do cajueiro, penando? Ah! Comuniquei em carta e está o que vocês querem! Seu don Sebastião que dê geito! Outro que também vai para a mata dos macacos é seu Pedro! Não me responsabilizo. Esta manhã tive uma inspiração e escrevi sessenta cartas a todos os representantes da Suprema, Celestial, Puríssima Corte do Tribunal Divino!

Cal de joelhos enquanto cicia: salve, salve, salve, salve, salve... Ergue-se depressa para gritar: sabe? sabe? acabo de ter nova inspiração! Vou jejuar três dias. Três dias! Só assim aproveitava para Deus três dias da fôme de todos os dias... Dantas deixa o quarto de Almeida e o sanatório mexe-se todo para receber de quarto em quarto o alienista. As portas se abrem, os ferrolhos sobem, o ambiente se enche de movimento. O visinho do lado não saiu da depressão há vários dias: pergunta a cada momento — Já chegaram? eles já chegaram?

— Já chegou quem? João.

— Eles, Eles, Eles! Ora, quem pode ser? ELES! ouviu? ELES! E' uma vergonha, meu Deus! E minha mãe? E minha mulher? O que vai ser delas?

Grita como um ferido. Cobre a face com o travesseiro, soluçando, cai prostrado. Dantas o levanta do leito. Fica abraçado com ele por algum tempo, como um pai que consola o menino triste. Fala em voz baixa e ninguém ouve o que diz ao enfermo. João se anima. Levanta a cabeça. Pisca os olhos seguidamente como ofuscado, como quem saiu da escuridão. Anima-se, levanta a cabeça. Antonio Dantas o deixa já esboçando um sorriso...

**16** No ar vagam as palavras que se escutam perdidas. Deixemos a pretensão descabida que o "super" vai arrotar. Sólitos alcalinos estão sendo manipulados e a hipocrisia será prontamente sanada. Porque é preciso ao monarca ser ao mesmo tempo Casanova e atender à Pantagruel. As bacarolas são escutadas nas alcovas, mas do recesso da cozinha virá o perfume que despertará o reflexo. Então o "super" saberá que chegou novamente a hora de comer. No seu tubo digestivo, um químico da corte, que deixou o laboratório alfandegário, realizará uma reação puramente recreativa; e da

boca perfumada do conde desprenderá o acido carbonico. O termiño é assinalado com o desenlace, e o prato de ouro será esvaziado com indisfarçável prazer. Os aceipipes devem ser deglutiados entre pequenos góes, e frases elogiosas à cozinheira, não sem deixar bem e devidamente esclarecido que do alto emanou o estilo empregado. Ele se sentirá, então, sumamente feliz, e a gazeta do bairro registrará em estilo torturado o gracioso disfarce. Antoninha riu de Frutuoso batendo, mas o príncipe-sobrinho preferiu Angelina, que se quedou no umbral da porta à espera de Romeu. O minueto foi virtuosamente interpretado e as concumbinas de Salomão divertiram-se como de costume. Mas o sobrinho plebeu do nobre incógnito escreveu as lóas com proficiência e amou a mulher de Putifar no leito da adultera.

A voz perdeu-se porque outras vozes fizeram côro com ela, e o ruído substituiu o som.

**17** Mercês que tinha chegado no meio da escolta, como um criminoso, já era esperado há três dias e no hospício as notícias se espalham depressa. Quando chegou vinha cabibaxio, como um menino que fez uma tréla. Mas abriu-se depois para o médico: a fuga, a noite do mcambo de beira de estrada, (e se afaste um pouco doutor Dantas! quer se encostar no menino Deus?) e a fala constante do Menino Deus, o Menino-Deus que o manda cumprir o voto sem parar.

Na secção, Mercês exalta a doutrina. E como o ouvem os loucos! Mercês. E faz a revelação rasgando ao meio a batina: o sexo edemaciado assoma. Mercês exemplifica: véjam o que faz o que tem a graça para resistir à tentação! E não se torna a ferir porque o guarda acode. Agora, na enfermaria, explica o que fizera na estrada três dias antes. Apareceria satanaz no corpo da mulher linda mas o espírito do homem vigiava. E trespassou com uma agulha a carne e o pecado, e mortificou o corpo pela salvação.

**18** A manhã do domingo é de glória. Estendido na areia alva, rôlo entre os musgos e goso o corpo arranhado pelos mariscos, pelas conchas, em quanto te olho. Doitas o dorso de bruços na praia e lembo meus sonhos de namorado. Estás mais moreninha como uma negra de traços de européa e cabelos de veneziana. Ris para mim e comparo teus dentes às pequeninas conchinhas que minha filha agrupa uma juntinha à outra em fileira. Rolo pela areia morna e lucente, e como o sol brilha e o dia é iluminado! A areia dourada... O negrinho da areia... do ouro. (Como veio gordinho e felz dentro da loucura. Repetiu até morrer: papai eu quero sair...) A areia da praia é dourada e brilha o sol. Estou parado e distante. Minha filha da beira mar grita: papai eu quero sair!

Indas e peixinhos do mar... (Maria Joaquina — da secção de mulheres. Maria Joaquina, quantos vestidos você tem? Ela ri: és tu Joca? é tu Joaquinha do Forte? E's mesmo do forte? hein — a preta velha ri...) — Sou, sim, nobre dama, dona Maria das Grandes. Meus vestidos, hein Joca? Um é da cõr dos mares com todos os peixinhos. O outro é feito do céu com as nuvens azul e todas as estrelas. O outro é cõr do campo com todas as flores. O outro é da mata com todas as aves... Olhe: falo e bolas de ouro caindo da boca... Olha Joca. E's mesmo do Forte?) Mas tudo isso é lá no hospício. Aqui o mar é verde e o sol tosta o meu corpo e rôlo na areia dourada. Minha mulher moreninha-se perto e minhas filhas brincam com conchinhas e mariscos. A areia está morna, a espuma das ondas vêm até os meus pés, o mar tem seduções e é verdade. Há uns olhos verdes e desgraçados que se transbordaram de lágrimas e cobriram-se de sedução como uma sincope de abismos. Onde ficaram as náiades e as díadias e os mares perdidos dos navegadores sem história mergulhados na lenda? Que faria pobre marinheiro adormecido embalado nas ondas, perdido de amor? Que quebras o encanto, os conjuros, e salva tua pobre alma imortal! Que teu corpo sofre e padece a tortura...

Como Braz resistiu à tortura! ("Não caiu em tentação... que sofreu dos homens...") Braz mas morreste mesmo e que pude fazer por ti? Teu pobre corpo ficou ainda maior depois de morto e crescente em todo o nosso mundo, profeta. Fica contente no seio da terra pobre corpo decomposto. Teus irmãos em Cristo sofreram contigo e a provação é constante. Mas as consciências se abrindo à luz.

O memorandum enviado à secretaria da gazeta continha as duas novidades que já vinham requentadas de se esperar. O boletim da empresa recebeu a notícia de sensação na primeira página e riscou da secção social o aniversário do mentalista. O clichê de tres colunas vinha debaixo do título negrito que fazia ciente a matéria recuada em grito: o "super", após demorados soliloquos, decidira a mercê referendada — Oliveirinha estava nomeado entendeu efetivo, e grandes planos se aninhavam dos leitos do Pronto Socorro para os corredores menos limpos do Palácio da Estátua. A curva do neurotico subiu na intensidade e as fases de depressão eram compensadas com a presença invocada do alienista. Mas o receio do caso do seu predecessor inquieta o nervoso! Frequentado pelo alienista, que pensaria o "super" de si, os casos do artigo do Jornalista da cartuchela e de Diniz rondavam inquietantes os escrúpulos do pobre.

Antonio Dantas voltava-se para o enfermo com amor de irmão, acalentava seus sonhos quando para dormir passou a necessitar a sua presença na alcova. Curava sua angústia até ante o papel virgem, escrevendo seus discursos, seus relatórios ao conselho, seus artigos para a revista. Como poderia pensar Oliveirinha sem o cérebro do médico? Mas como poderia passar assim com a posição em perigo pela amizade? Posição tão linda, com limousine, passeios de graça, retratos na gazeta, gratificações e os sorrisos valiosos do "super". E a angústia crescia. Sem Dantas, quem curaria seus nervos, quem escreveria seus discursos, quem lhe arranjaria as entrevistas para as fôlhas,

quem esclareceria os próprios casos clínicos mais encravados? Mas com Dantas seria perigosa sua carreira, e o "super", quem sabe? não estaria vendo isso? E o dilema era o tormento grave suplantando a enfermidade, rasgando mais a chaga do espírito ferido. Lembrava quando jogava no casino: preferia o preto e o vermelho, mas o ganho era pequeno e o prejuízo era também, e quasi só fazia ganhar. Então a astúcia da raposa entrou-lhe no corpo e aproveitou a situação e lançou a fábula na vida.

Era estranho, mas as conversas de Dantas diante o leito do pobre ou em lugar que ele estivesse, chegavam mais depressa à superintendência do que a resposta do diálogo. Mas chegavam ampliadas, tão ampliadas e distorcidas que eram falsas, inverídicas como um filme que se descobria numa imagem inauentável. E o espião não seria jamais desmascarado si não fosse a intervenção decidida do Procurador entre as duas bandeiras, quando observava dois campos. Oliveirinha foi a casa do médico quando soube que ele estava senhor da tramoia e caiu de joelhos. Parecia Almeida no Sanatório de agudos (salve, salve, salve, salve...) diante o Tribunal Divino imaginário. Parecia mesmo que o médico estava diante o outro doente, o alienado. E a frase do profeta morto veio na imaginação, repetindo a frase do Cristo: e me negarás três vezes!

Quando Dantas deixou de pensar nos seus loucos, sentindo natural, como acostumado a levar pancada de irresponsável todo o dia e mais se dedicando a melhor trata-los, o outro já ia saindo como o traidor do drama e as pratas tilintavam nos seus bolços. A relva morreu aos seus pés. A flor que bordeja o muro foi esmagada na passagem e tombou dilacerada. Mas não se registou o enferrugamento da fogueira, e esteve ele até presente nas bodas de Canaan no sabbado de Aleluia.

O último ofício expedido dizia claro que os doidos povavam a cidade e perigava a segurança da população.

**19** No café da Assembléa o Observador Omniscente comenta que na da é surpresa diante os fatos. Olhe aquí: aquele rapaz que veio para o hospício. Chegou, disse logo: não dura! Você não via que não podia durar? Começou protestando contra a prisão de homens na solidariedade, depois tomava café com gente da oposição, depois fez aquela reforma toda sem olhar nem os sobrinhos da costinheira dos amigos do "super", depois não se conteve em ver os doidos naquela miséria toda e desembuchou tudinho nas bochechas do regente, que é que você quer mais? O resultado está aí: já estão dizendo que vai botar os nivôes em leilão e vai se embora... Agora o povo é que é o prejudicado. E' uma infelicidade. Começa a safadeza! Começam como umas raparigas a fazer fuxico com o rapaz, negam-lhe tudo, desgostam ele, e o que é que você quer? Esta muito certo: vai embora e faz muito bem! Até o Castrinho, o Castrinho, fez aquela safadeza com o rapaz. Vivia intrigando ele com os grandes. Porque façam justiça: a pessoa do "super" não entrava em nada do que ele dizia. Si reclamava era contra a superintendência que não estava sendo correta com ele. Agora me diga: que é que tem que ver uma coisa com a outra? O Saul, até o Saul que ele defendia em toda a parte nem se incomodou com o rapaz. Ah! Eu queria era ver essa coisa nos tempos do Grande Chefe! Ele deixava o que, o homem sair assim desgostoso, botando até as coisas que tem em leilão!

O presidente do club, que é o amigo, coça a cabeça e diz que é mesmo o diabo! Mas a sessão está na hora e a campa chama a atenção. O doutor Milton Wanderley chega com o ar de cachorrinho de madama, ressendido a cheiro, e ri mostrando os dentes de Huntington. Vai "usar da palavra". O brigada aparteia e pergunta se o uso da coleira foi abolido. Há quem pergunta onde anda a carrocinha da prefeitura. Há quem pergunta se aboliram a matrícula. Há quem atire uma bola cheia de veneno, mas ele foi bem almoçado e não interfere. Há quem invoque, em desespero, a Associação Protetora dos Animais mas a dita não se manifesta porque as galerias estão obstruídas. Às 3 horas a sessão interrompe o discurso, mas o bicho que deu não foi cachorro: foi urso. E os trabalhos continuam, apesar do palpite que foi coletivo.

**20** Os guardas que se iam amotinando contra o alienista eram hoje os melhores guardas. Porque o curso que Dantas lhes tinha dado os tinha ensinado. E Coelho chegou junto ao médico e lastimou o que estava acontecendo. Sabia que o doutor Dantas estava com vontade de ir embora.

— Doutor querem por ordem do "super" que a gente fique internado nas secções sem as folgas entre cada 24 horas de trabalho. O que será de minha família, sem poder me ver, só saindo para a rua de mês em mês? A gente trabalhava um dia e descansava o outro longe dos doidos. Agora querem que a gente fique entre os loucos trinta dias sem ver ninguém senão os loucos? Reclamei ao prefeito do hospital mas ele disse que era a ordem do "super". Mas quem é o psiquiatra daqui? Será que o "super" entende disso? Doutor nos acúda!

Dantas depois da nomeação do novo prefeito do hospício estava vendo que aquilo era a vitória do mal. O "super" tinha nomeado o prefeito de propósito, para mandar pela sua boca, e falar pela sua boca, e usar pelo seu gesto. Os guardas que já não eram os domadores dos botões dourados, mas os perfeitos guardas, estavam começando a pagar por se terem domesticado. E começavam os de cima a provocar a desordem, a estabelecer a confusão para que dentro do hospício ninguém se entendesse. E o que restasse da obra fosse destruído. E o alienista pagasse pelo pecado de defender os loucos pelo pão de defender o doente sem socorro enquanto banqueteam-se os filisteus. Mas os seus enfermos padecem de fome.

Nas secções reviam-se os quadros bíblicos. Era o paraíso varrido da loucura e sem o alívio para a miséria. Mas os quadros não eram de paraíso senão na nudez, e havia quadros dos livros de Job — eram quasi todos os quadros. Nus, chagados, morrendo como num deserto, cobertos de chagas e de pó.

O livro de Job se desfolha e uma página cai esparça:

Quem dera que se cumprisse o meu rôgo,  
E que Deus me concedesse o que anhelei!  
Que fosse do agrado de Deus esmagar-me,  
Que estendesse a sua mão e me exterminasse!  
Então eu acharia ainda conforto;  
E exultaria na dor que não poupa;  
Porque não tenho negado a palavra do Santo.  
Pois que a força é a minha para que eu não espere?  
Ou qual é o meu fim para eu me portar com paciência?

Agrício apanha na relva a folha do livro do profeta morto, que resta abandonado, recompõe o livro solto e lê alto o sofrimento:

Lembra-te de que a minha vida é o vento?  
Os meus olhos não tornarão a ver a felicidade.  
Os olhos do que me vê não me contemplarão mais;  
Os teus olhos estarão sobre mim, porem não estarei mais;  
Assim aquele que desce ao Sheol não subirá mais.  
Nunca mais tornará à sua casa,  
Nem o logar onde habita o conhecerá jamais.  
Portanto eu não reprimirei a minha bôca,  
Falarei na angústia do meu espírito,  
Queixar-me-ei na amargura da minha alma.

Nos quatro cantos do pátio imenso o flagelo zomba do desespero do alienista, e de longe chega a voz de Agrício:

Ele zombará do desespero dos inocentes  
A terra está entregue nas mãos dos iníquos.

As lampadas em meia voltagem limitam os pátios, as enfermarias, os corredores, os dormitórios. A noite negra sem estrelas cobre o intervalo que separa a terra do céu. E o hospital mesmo perdeu-se nas trevas.

Agrício passa as mãos no livro sagrado e diz de côn:

Na verdade a luz do iníquo se apagará.  
E não resplandecerá a chama do seu fôgo.  
A luz se obscurecerá na sua tenda,

E a lampada que está por cima dele se apagará.  
Estreitar-se-ão os passos do seu poder,  
E o seu conselho o derrubará.

A sua memória perecerá do país  
E o seu nome não ficará na face da terra  
Será lançado da luz para as trevas;  
E afugentado do mundo.

**21** A notícia da partida de Dantas espalhou-se rápida. Naquela manhã o alienista requeria uma licença para tratamento da saúde. E em toda a vila era só o que se falava.

Sabe? doutor Dantas pediu licença. Mas ele vai é se embora...

— Mas o que é que você quer? Nomearam um prefeito para mandar no hospício! Ele só pode ir-se embora mesmo.

Quando Dantas voltou para casa encontrou o terraço cheio de amigos. Modesto, dona Elisa, Niná, dona Luisa, Ademar, Maria do Céu estavam surpresos. Todos comprehendiam que o médico seguia um caminho que era o da sua conduta. Que tinha mais para fazer ali?

Os amigos o rodeavam. Só faltava mesmo um que era o sempre constante: o Oliveira. Mas este atraíçoara o amigo e desfrutava os proveitos.

Uma semana antes o alienista recebera da capital uma carta do Mestre. Dizia: "o que está acontecendo consigo, aconteceu comigo em Porto Seguro. Converta tudo em material de experiência. Venha para cá que o espero". Dantas explicava que precisava descansar. Três anos dentro daquele hospício...

Naquela tarde uma notável junta médica decidiu o feito. Dantas requeria licença de três meses. A junta após exaustivas considerações opinou por dois. E o "super", animado da ira, reduzia tudo para trinta dias. Na casa onde nasceu o herói de 17 os três secretários bairaram toda a noite, e Antoninha foi prodiga em carícias, e Angelina resolveu os amuos e Severina embebêdo-se de whiskey.

Ca dez dias seguintes foram os dez dias da despedida. Dez dias diante o mar verde e toadas da praia e o perfume dos cajueiros, que se fundiam no cenário com as noites estreladas.

E nunca a vila teve tantos encantos, e as suas noites eram mágicas. Faziam lembrar as noites em que Braz caía em meditação e sentia-se tomado da posse divina, conversando com o Senhor... E havia estrelas que riscavam o céu, como um traço de giz longo, que se apaga em seguida.

**FIM**

(\*) — Vide RENOVAÇÃO de março, abril, junho últimos.

# OFEREÇA AO SEU AMIGO VISITANTE ALGUMA COISA GE- NUINAMENTE PERNAMBUCANA “PERNAMBUKO”

Sortimento Extra-Fino Pilar

UMA LEMBRANÇA INESQUECIVEL. UM PRESENTE INEGUALAVEL.

A MAIS MODERNA FÁBRICA DE BISCOITO  
DA AMÉRICA DO SUL

**COMPANHIA PRODUTOS PILAR S.A.**

**Constrúa a sua casa própria em pagamento mensais modicos, na**

## **PREDIAL DO NORDESTE**

**S/A**

### **PLACIDO FARIA & CIA.**

Grandes armazens de ferragens e cutelarias em grosso e a retalho

Especialistas em todos os ramos do seu comercio

**PREÇOS SEM COMPETENCIA**

**RUA DUQUE DE CAXIAS Ns. 276 a 280**

Depositos : RUA DR. FEITOSA Ns. 153, 243 e 257  
End. Teleg. : "PLACIDO" — Codigos : ABC, 5.<sup>a</sup> ed. e Ribeiro

— TELEFONE N.<sup>o</sup> 6212 —

RECIFE — PERNAMBUCO

## **BANCO NACIONAL ULTRAMARINO**

**Todas as  
operações bancarias**

### **FILOSOFIA DO MUNDO INORGANICO**

Crésio Teixeira

#### **(Conclusão)**

Em relação às coisas incorpóreas, a substância é, aqui, puramente ato, sem contudo ser um ato puro (Maritain). Só Deus sér increado, "ens a se", é ato puro. Os espíritos puros criados, ou melhor, a essência substancial pode não ser. Só Deus é. Pois essa substância é potência, relativamente à existência (ato de sér). Ou, mais claramente, em relação ao que é ato último de toda a realidade.

Finalizando. O hilemorfismo procura, prescrutando o sentido objetivo e realista das coisas, explicar a estrutura de todo o Cósmos. Até do sér humano, onde permite compreender a união da matéria e duma alma espiritual que é a forma do corpo humano. Contudo, a forma aqui, da alma, difere, em natureza, das outras formas substanciais. Pois que pode existir sem a matéria. O hilemorfismo nos diz, assim, de maneira simples e evidente o que é, no sentido mais amplo, o universo.

**ARTIGOS  
PARA  
HOMENS  
COMPREM  
NA  
CAMISARIA  
ESPECIAL**



**MANTEIGA**

## **PEIXE**

É a rainha das manteigas.  
Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

**Rua das Calçadas, 70**

Fone 6718

RECIFE

# GRANDES MOINHOS DO BRASIL S.A.

## MOINHO RECIFE

A indústria pernambucana apresenta no **Moinho Recife** um dos seus melhores centros de trabalho; uma importante organização industrial que honra e solidifica o nosso Estado.

O **Moinho Recife** eleva-se por traz dos armazens das Dócas do Porto, á Avenida Alfredo Lisbôa, num importante e vasto edifício de 7 andares, todo construído em cimento armado — obra de valor da engenharia moderna — e dispõe de magnifica aparelhagem operatriz toda de procedencia norte-americana, fornecida pela casa Allis Chalmers Manufacturing C.º Inc., de Milwaukee, Wis U. S. A.

TEM 24 silos, podendo armazenar em cada um 350 toneladas de trigo em grão.

O magestoso edifício está ligado ao porto por uma ponte aerea, também de cimento armado, na qual corre uma esteira transportadora de trigo e que serve ainda para transportar os produtos da grande indústria pernambucana

ás embarcações que os conduzem para os outros pôrtos do país

**COMEÇOU** a funcionar em Janeiro do 1920, produzindo diariamente 3.000 sacos de farinha de trigo, de 50 quilos, e 1.500, de farelo, de 35 quilos.

O CUPA uma área de 106 metros de comprimento por 53 de largura.

O S auxiliares e operários do acreliado estabelecimento industrial são segurados contra acidentes na Seguradora Indústrial e Comércio.

**CONTRA** os riscos de incendio o **Moinho Recife** está aparelhado de uma perfeita instalação "Sprinklers" do sistema "Grinell", que, ao contácto da mão do homem ou automaticamente, funciona em todo o edifício desde que a temperatura se eleva de 60° gráus centigrados.

É IS em suma o que é essa soberba organização social, cujos produtos não encontram similares no mercado do país.

RECIFE — PERNAMBUCO

## HORACIO SALDANHA & Co.

IMPORTADORES DE CARVÃO DE PEDRA  
SERVIÇOS MARITIMOS

End. Teleg. HORACIO

CAIXA POSTAL 140

Avenida Marquês de Olinda, 143

1.º ANDAR

TELEFONE 9144 — RECIFE

## Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.  
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo  
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

## CAFE' LIBERDADE O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGENERES

Sempre com o fito de bem servir aos seus consumidores, distribue além das qualidades excepcionais, lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFE' LIBERDADE é uma demonstração de bom gosto

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

## CAMÕES E AS ESCOLAS POÉTICAS

(Conclusão)

derna da poesia que ele não adoptou, nem nenhum dos seus pares, foi uma que hoje aplaudem uns cérebros peregrinos, alheios à rotina dos cânones e dos gostos gerais, produtora de formas que nós não compreendemos, cultura duma beleza aberrativa que só as extravagantes geometrias duma futura humanidade nosocómica virá a consagrar: a poesia que consiste em alinhar palavras sem nexo, sem medida, sem ritmo e sem rima, às vezes repetidas como ecos mortos de idéias por nascer, com dimensões que vão do centímetro duma única sílaba insignificante à léguia-da-póvoa duma frase desarticulada e nebulosa.

Porque essa poesia não é poesia, mas a charada promovida às funções de expressão artística. E se é o leitor quem deve encontrar na sua própria sensibilidade o que o autor não aponta, não sugere, não faz despertar nela, então passe o leitor a fazer versos e vão os autores exercitar o engenho no ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO, que desde tempos remotos vem dando às gerações das duas pátrias uma verdadeira antologia no gênero.

Proponho-me aqui apontar simplesmente duas ou três passagens d«OS LUSIADAS» para ilustrar e documentar o que venho dizendo. Para os estudosos mais ou menos eruditos, o meu artigo é desnecessário; os de cultura modesta ou escassa, que são aquêles a quem me dirijo, encontrarão nestas breves notas uma indicação que lhes não será inútil para novas leituras do Poema.

Do primeiro ao último verso d«OS LUSIADAS», não é só o estilo que se amolda ao assunto, mas também a musicalidade especial das palavras, como numa sinfonia em que a linha melódica — na obra o pensamento que a ditou — tem a acompanhar a adequada orquestração, rica de tôdas as cores e tonalidades que o desenvolvimento do tema exige.

Vogais sonoras e claras enchem a abertura do poema, dando-lhe a amplitude grandiosa do mar, que constitue o seu fundo, e a luminosidade gloriosa do espaço em que os heróis actuam. O verso é largo, retumba nos gerúndios que aparecem na segunda estância, espraiá-se pela Invocação, onde aflora, já uma ponta de ternura...

E logo, mais adiante, o ritmo é acelerado, as palavras encurtam-se, despenham-se umas sobre as outras, pintam, pela sua mera e rápida seqüência, todo o quadro que o Poeta compôs:

Salta, corre, sibila, acena e brada,

Derriba, fere e mata e põe por terra.

Leiam estes seis versos da batalha de Aljubarrota e digam-se algum poeta moderno conseguiu, pelo artifício mais cuidadoso e paciente, dar mais forte impressão duma peleja medieval:

Já pelo espesso ar os estridentes  
Farpões, setas e vários tiros voam;  
Debaixo dos pés duros dos ardentes  
Cavalos treme a terra, os vales soam.  
Espedaçam-se as lanças, e as freqüentes  
Quedas co'as duras armas tudo atroam.

Para os buriladores minuciosos de preciosidades verbais, para quem os poemas não passam de peças de ourivesaria, frios como o bloco de metal de que os extraíram, foi a inspiração — fogo sagrado que anima os poetas e faz brotar das profundezas do seu íntimo, do estado febril que os arrebata, versos que Deus ali colocara, sem que eles, como as criaturas sujeitas a miraculosos transes, deles tenham consciência em estado normal — que produziu aquelas passagens, acabadas, perfeitas, supremas, além das possibilidades humanas.

Então leiam esta incomparável estância:

No mais interno fundo das profundas  
Cavernas altas, onde o mar se esconde,  
Lá donde as ondas saem furibundas  
Quando às iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora e moram as jucundas  
Nereidas e outros deuses do mar, onde  
As águas campo deixam às cidades  
Que habitam estas húmidas deidades.

*Leiam, releiam, ouçam estes versos, onde rolam vagas  
pela superfície do oceano, onde a curva das ondas se desen-  
nha, as suas cristas espumosas se erguem diante de nós, os  
abismos glaukos do mar se patenteiam, a visão do mundo  
aquéntico ressalta, menos da significação dos térmos emprega-  
dos que da sua genial disposição, da escolha dos finais, do  
embate de certas consoantes, da propositada repetição dos  
mesmos sons.*

Não é um resultado inconsciente da inspiração. É um efeito desejado, preparado, combinado pela mestria do Poeta, que, como tal, é precursor de todas as escolas e a todas elas superior.

A moda poética varia e tem, como todas as modas, extra-  
vios e caprichos. A arte, essa é eterna e sempre a mesma,  
plena e absoluta no génio dos seus intérpretes excepcionais.

EDUARDO DE CARVALHO

## BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO

Avenida Rio Branco N. 155 — Recife

Endereço Telegráfico : CASAFORTE — CAIXA POSTAL 444

Telefones : GERÊNCIA : 9024-9058 — GERAL : 9085

Faz todas as operações do ramo bancário, oferecendo as melhores taxas do mercado. Aceita depósitos em :

CONTAS CORRENTES DE MOVIMENTO — CONTAS CORRENTES LIMITADAS

### Depósitos Populares :

(C/Especial Econômica, juros de 6% limite 5.000\$000)

Depósitos a prazo fixo e pre-aviso, taxas especiais. Serviço eficiente de administração de bens ; Cobrança de alugueis, Juros de Apólices etc.

Ordena pagamentos por via telegráfica, via aérea ou marítima. Emite cheques sobre todas as praças do País

PROGRESSÃO DO MOVIMENTO DO BANCO :

31/12/36	31/12/37	31/12/38	31/12/39
11.146.934\$338	17.817.063\$479	23.631.408\$892	34.425.958\$307

# LOJAS PAULISTA



A MAIOR ORGANIZAÇÃO BRA-  
SILEIRA NO COMÉRCIO DE TE-  
CIDOS

**U**NICOS e exclusivos estabelecimentos reven-  
dedores dos afamados tecidos marca "OLHO"  
de cores absolutamente fixas.

**T**ECIDOS finos e de padrões variados : Sêdas,  
voiles, opalinas, cambraiias, etc.

**TUDO PELO PREÇO MAIS BARA-  
TO DA CIDADE**

**B**RINS nacionais e estrangeiros, Morins, Cre-  
tones, Bramantes, e outros tecidos cujos prê-  
ços não temem competidor.

UMA VISITA ÀS LOJAS PAULISTAS É O SU-  
FICIENTE PARA SE CONHECER A VANTAGEM DA  
QUALIDADE E DE PREÇO DOS TECIDOS MARCA

"OLHO"

Rua Larga do Rosario (Praça da  
Independência) e Rua João Pessoa,

260

**Alberto  
Lundgren & Cia. Ltd.**

Filiais em todo o Brasil

## PREFIRAM O CALÇADO "COMBATE"

Forte e barato

ENCONTRA-SE À VENDA NAS CASAS:

CASA BRASIL,

Rua Duque de Caxias, 304

CASA VENCEDORA

Rua do Livramento, 7

CASA PRIMÔR

Rua do Livramento, 21

Severino de Vasconcelos & Cia.

RUA DA PRAIA N. 83

RECIFE .... PERNAMBUCO

## COOPERATIVA DOS PLANTADORES DE MANDIOCA DE PERNAMBUCO

Unica distribuidora dos produtos da  
Fabrica de Farinha Panificavel  
do "IBURA"

Teleg. "MANDICCA" FONE 9569

ESCRITÓRIO:

Avenida Marquês de Olinda, 277

RECIFE PERNAMBUCO BRASIL

## AÇUCAR DIAMANTE

O MAIS PURO  
O MAIS ALVO  
O MAIS SECO

Exportadores

Cardozo Ayres & Cia.

PERNAMBUCO

## ANCHIETA, O PRECURSOR DA ESCOLA-NOVA NO BRASIL

(Conclusão)

Inteligentes, astutos, porém belicosos em demasia, extremamente preguiçosos para tudo o que não fosse atividade de homem — caçar, pescar, guerrear, enfim, viver perigosamente — estavam os índios brasileiros fadados ao exterminio pelo colono branco, ladravaz ao extremo, que dele só se serviam como escudos nas suas vis empreitadas.

Nas mãos de Nóbrega e dos seus abnegados companheiros; ensinados por Anchieta, essa indiada e seus descendentes, anos mais tarde os mamelecos de São Paulo, varando os sertões, os cerrados, as serranias, as caatingas, os pampas, os furos e igarapés, recuaram afoitamente a Linha de Tordesilhas, tomando as terras dos espanhóis para criar esse Brasil-colosso, que retoma agora a marcha interrompida para um futuro grandioso.

Foi esta a obra imperecível saída das mãos de Anchieta, catequista e missionário modelo, o mais ilustre de quantos já pisaram esta terra do Brasil.

Tudo quanto façamos, por melhor que façamos, é pouco para resgatar a dívida que contraimos com Anchieta, o precursor da escola-nova no Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

Pedro Calmon — *História do Brasil*. (Editora Nacional).  
Irineu Cavalcanti — *Atuação dos jesuítas na formação do Brasil*.  
Jorge de Lima — *Anchieta*. (Empresa Editora ABS Limitada).  
Diversos autores — *Anchieta*. (Edição da Livraria do Globo).  
Serafim Leite — *Páginas de História do Brasil*. (Editora Nacional).  
Max Fleiss — *Apostilas de História do Brasil*. (Livr. do Globo).  
Rocha Pombo — *História do Brasil*. (W. M. Jackson, Inc.).  
João Ribeiro — *História do Brasil*.  
*Vida ilustrada do V. P. Anchieta, S. J. — Apóstolo do Brasil*. (Publicação do Vice-postulado do V. P. Anchieta — Colégio Anchieta — Rio).

## O SINDICATO E SUAS FINALIDADES

SILVINO LYRA

(Conclusão)

olhos a contribuição eficiente dos agentes em fóco, para o bem estar individual e familiar do trabalhador nacional.

Inicialmente, terão os operários uma confiança relativa na orientação traçada pelo seu órgão de classe, aliada à uma despreocupação quanto ao futuro de seus filhos. Convém ressaltar que não será desvirtuada a educação familiar, mesmo porque, com os ensinamentos recebidos no órgão de classe, o obreiro terá a certeza do amparo dispensado à sua próle, e a educação do lar proletário não terá as asperezas daquela ministrada nos ambientes cheios de incompreensões pela ausência do pão e do conforto, e, ainda, transbordantes de incertezas pelo dia de amanhã.

A sociedade lucrará imensamente, porque desde a puerícia, o homem receberá os ensinamentos necessários a ser um bom cidadão, bom profissional, e bom pai de família.

Diante destes fatos, fácil é concluir que não será necessário nivelar em igualdade todos os homens, para que o operário tenha os seus direitos assegurados e reconhecidos. E sim, o inverso, porque da projeção da hierarquia natural da vida, é que se forma o belíssimo cenário das compreensões humanas.

É justo, sobretudo, que os trabalhadores tenham consciência de seu valor pessoal, de sua personalidade enfim, e sejam bons obreiros, orientando o seu trabalho e engenho, com a visão do bem comum social.

A justeza dos direitos inerentes aos trabalhadores deve ser uma realidade intangível. O seu valor avaliado em relação à sua capacidade, produção e necessidade, intensificará o desejo de melhorar, e em face desse estímulo natural se processará a seleção qualitativa dos elementos, e uma harmonia duradoura, de certo, fará surgir uma compreensão de direitos e de deveres bem profundos, em consequência da equidade traduzida em todas as manifestações da sociedade profissional, como o elemento de ligação entre o Estado e a Nação.

Muito se tem falado em um salário justo. Porém, inúmeras têm sido as dificuldades apresentadas pelo elemento capital quanto a tal salário, sob o fundamento da cotação do produto ou situação econômico-financeira da fábrica, do estabelecimento comercial etc., não o permitir. De fato. Talvez, que o alevantamento do preço do salário, venha, de pronto, estabelecer uma peior situação para os trabalhadores. O empresário aumentará o preço dos produtos e a vida encarecerá mais, ficando as possibilidades aquisitivas do obreiro deficientes como eram, e nenhuma melhoria se evidenciou.

Reajustando, porém, o custo da vida, ora pelos meios apontados, ora pelo cooperativismo, que, aliás, orienta a ação de todos os elementos em menção, possivelmente será uma realidade palpável o salário justo, sem ser injusto, no entanto, aos obreiros do capital, que sofrem as oscilações das bolsas e outros fenômenos da economia, que, muitas vezes, há levado os homens à ruína.

Consiste, portanto, esse reajustamento, numa atividade específica do Sindicato, que denominaremos de Assistência econômica, e assistência familiar.

Como vimos em o capítulo precedente, consistirá êsse reajustamento de salário e de vida, em uma desobrigação — para o trabalhador de grandes responsabilidades de família e de deveres indefinidos em relação às suas possibilidades materiais, — de grande parte desses deveres, que será executada pelo Estado, através dos Sindicatos.

Não há negar a cooperação em todas as realizações humanas.

Somente os inconsequentes, soem afirmar o contrário.

Em sociedade, ela é uma razão mesmo de equilíbrio. O trabalho de todos é o fiel que precisa o equilíbrio do bem de todos. Organizar essa atividade, é competência do Estado. Orientar essa cooperação que denunciamos, compete também a él, como expressão organizada da Nação. Assim, o Sindicato é o órgão natural para tal atividade, porque em contacto constante com as expressões parciais da coletividade nacional como órgão do próprio Estado, poderá materializar, mercê da cooperação de todos, verdadeiros milagres para o bem estar coletivo.

- 1) — Mais valem dois juntos que um só, pois tiram vantagem da sua associação. Si um cai, o outro sustenta-se. Desgraçado do homem só, pois quando cair, não terá quem o levante. O irmão que é ajudado por seu irmão é como uma cidade forte. "Enciclica Rerum Novarum" — S. P. Leão XIII.
- 2) — Referimo-nos ao Sindicato como forma de Direito Positivo, fato contingente, visto que, como profissão, é necessário, uma instituição natural como a família.
- 3) — Um grande escritor patrício diz que a felicidade é um sentimento de harmonia, uma expressão de proporcionalidade. Transcendentamente a relação do finito para o infinito: a aspiração constante — Terrenamente a proporção entre o desejo e a posse possível.

## USINA ARIPIBÚ S. A.

Produção: 80.000

Sacos de Açucar

MUNICIPIO DE  
RIBEIRÃO  
PERNAMBUCO -- BRASIL



MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

Exportadores de Café. Algodão,  
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

## BAR E CONFEITARIA ELITE

— DE —

OCTAVIO FERREIRA DE MELLO

PRAÇA JOAQUIM NABUCO, 71 — RECIFE

FONE 6-0-8-6

Casa especialista no genero especiarias

Completo sortimento de PASTELARIA, FRUTAS e BEBIDAS em geral, nacionais e estrangeiras

## USINA MASSAUASSÚ

**A Usina Massauassú Dispende anualmente, com Assistência Social:**

30:000\$000, para os desamparados.

35:000\$000, para assistência farmaceutica, médica e dentaria.

Os operários têm gratuitamente, casa com saneamento, agua encanada e luz eletrica.

A Usina Massauassú justifica, assim, o bom renome de Pernambuco, vanguardista das grandes iniciativas de Justiça Social.

## LIVRARIA UNIVERSAL

RODOLPHO & PEREIRA

Todos os livros didáticos editados pela LIVRARIA UNIVERSAL são de autores de reconhecida idoneidade: Júlio Pires Ferreira: — GRAMATICA PORTUGUESA — 1.º ano.

Mota Filho: — EDUCACAO E SOCIEDADE  
Estevão Pinto: — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO — 2.ª serie  
Conego Xavier Pedrosa: — LIÇÕES DE LATIM  
M. Cabral de Melo: — MON LIVRE DE FRANÇAIS (Pour la première année).

Mota Filho: — PRIMEIRO ANO DE LATIM  
Waldemar de Oliveira: — HIGIENE  
S. de Albuquerque: — ANÁLISE SINTATICA — 2.ª, 3.ª e 4.ª series  
Mário Sette: — TERRA PERNAMBUCANA.

## A CAMPANHA ESCOTISTA DE JABOATÃO

(Conclusão)

Um outro facie merece, também, uma acurada atenção dos timoneiros da Concentração de Escoteiros de Jaboatão: — o culto da mocidade ao Brasil.

Nas horas difíceis do perigo iminente, nos momentos das definições mais graves, nos instantes sombrios em que as instituições que caracterisam um povo ou uma civilização parecem caminhar para um aniquilamento fatal, é no amor da juventude para co'a Pátria que se vão depositar as últimas esperanças, a confiança sincera, de uma rehabilitação. É no respeito às leis que nos dão o caráter de povo civilizado, é na solidariedade irrestrita ao chefe nacional que nos assegura a soberania, o conforto, a alegria de viver, que repousam os justos motivos da grandeza e dos fôros de cultura das Nações.

Esta é a mística que serve de divisa ao movimento escotista que em tão boa hora se vem realizando em Pernambuco.

A humanidade atinge neste momento a uma perigosa encruzilhada dos seus destinos. Parece rôto o ritmo que vinha mantendo o equilíbrio da História. Marchamos para um futuro, cujo rumo se perde na escuridão de acontecimentos irremediáveis.

O falso humanismo do século XIX, o cientificismo agnóstico ou materialista do século XX, roubando ao homem a sua crença em DEUS, arrastaram-lhe a uma inquietação e a uma angústia que tanto o fazem sofrer.

A campanha escotista em Pernambuco, consciente da sua alta missão social, vem procurando dentro do possível encaminhar a nossa mocidade para uma compreensão mais cristã e mais humana da vida, mostrando-lhe que acima do orgulho dos homens, da sua ciência e da sua sabedoria, há os desígnios Daquele que tudo pode e tudo dirige.

Procuremos, brasileiros, auxiliar com o nosso esforço e a nossa inteligência, esta obra de tão alta relevância para a nossa Pátria, cooperando com o desprendimento e o apostolado de Oswaldo Guimarães e o apoio da Secretaria da Justiça que, por intermédio do seu culto titular, dr. Arnóbio Teixeira, vem se empenhando na continuidade de tão nobilitante instituição.

Esse nosso esforço e essa nossa solidariedade representam a expressão do nosso culto ao Brasil.

Porque V. Exa. não personifica sua elegância comprando CALÇADOS na

## CASA REAL ENGO?

de BARBOSA DA SILVA

á Rua de Livramento, 105 - Fone 6941  
Recife  
Pernambuco

## USINA SANTA TEREZINHA

AGUA PRETA - PERNAMBUCO

Produção 500.000 sacos de açucar e  
10 milhões de litros de alcool

Orgulho da industria açucareira  
do Brasil

## MANOÏLESCO

(Conclusão)

legítima para a constituição do poder político e legislativo supremo" (2) — isto em oposição ao corporativismo MIXTO e ao SUBORDINADO, este em vigor na Itália. De acordo com o corporativismo subordinado, as corporações são instrumentos do Estado, que é a realidade suprema. Na Itália, há, como base do poder político e legislativo, órgãos não corporativos, como o Supremo Conselho e o Partido, residindo neste, que fez a Revolução e criou o regime, a origem do poder público. No corporativismo mixto, as corporações são EM PARTE base do poder público, podendo figurar ao lado das camaras políticas. Segundo o corporativismo puro, como vimos, nenhum poder público pode assentar em bases não corporativas.

Em segundo lugar, o corporativismo de Manoïlesco é INTEGRAL, no sentido de que "considera como corporações dotadas de uma organização autônoma e de direitos próprios, não sómente as corporações econômicas mas também as corporações sociais e culturais da nação, como a igreja, o exército, a magistratura, a corporação da educação nacional, da saúde pública, das ciências e artes. (3) O corporativismo italiano, no presente, é quasi exclusivamente econômico existindo, ao que parece, apenas uma corporação econômica organizada, que é a das classes liberais.

O corporativismo total de Manoïlesco restringe consideravelmente as funções do Estado, que deixa de ser a entidade suprema, absoluta, absorvente que é o Estado Fascista. O Estado por él concebido é justamente o contrário do Estado liberal onde a centralização de funções ia ao extremo, pois fóra da entidade estatal só existiam indivíduos. O Estado Corporativo tende a uma larga descentralização de poderes, através

das corporações. Manoïlesco vê o Estado como CORPORAÇÃO e SUPER-CORPORAÇÃO. No segundo caso, él tem, apenas, a função de supervisão; no primeiro, possue apenas, duas funções diretas: a defesa nacional e a ordem interna, pertencendo o mais ás corporações.

Outros aspectos do pensamento de Manoïlesco, como a concepção do DIREITO FUNCIONAL, os direitos individuais, a noção do justo e de justiça, a moral corporativa, direito e dever, a origem do poder público, o problema da separação dos poderes, com a questão da "quarta dimensão" do Estado, ou seja a dimensão corporativa, de que falam certos autores italianos — tudo isso tentaremos examinar e estudar no próximo artigo.

(1) — O segundo imperativo PARECE encerrar uma contradição.  
(2) e (3) — Mihail Manoïlesco — "Le Siècle du Corporatisme".

## MERIDIONAL

Companhia de Seguros de Acidentes do Trabalho  
Capital Subscrito 1.000.000\$000  
Capital Realizado 500.000\$000  
RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 85 — 3.º ANDAR  
RIO DE JANEIRO

### DIRETORIA :

Oscar Berardo — João Carlos Machado — Francisco Campos — Frederico Dahne — João Cleofas  
Agentes em Pernambuco :

## Oscar & Cia.

RUA VIGARIO TENORIO, 33  
FONE : 9424

# U S I N A

# NOSSA SENHORA DAS MARAVILHAS

Propriedade da Companhia Açucareira de Goiana

Produção: 150.000 sacos de açúcar e 1.500.000 litros de álcool

Endereço Telegráfico: PERYLO

GOIANA -- PERNAMBUCO -- BRASIL

# USINA SERRO AZUL

José Piauhylino

Gomes de Mello

## PRODUÇÃO:

70.000 sacos de açucar

300.000 litros de alcool potavel

Dispondo de ótimo e moderno aparelhamento

PALMARES

PERNAMBUCO

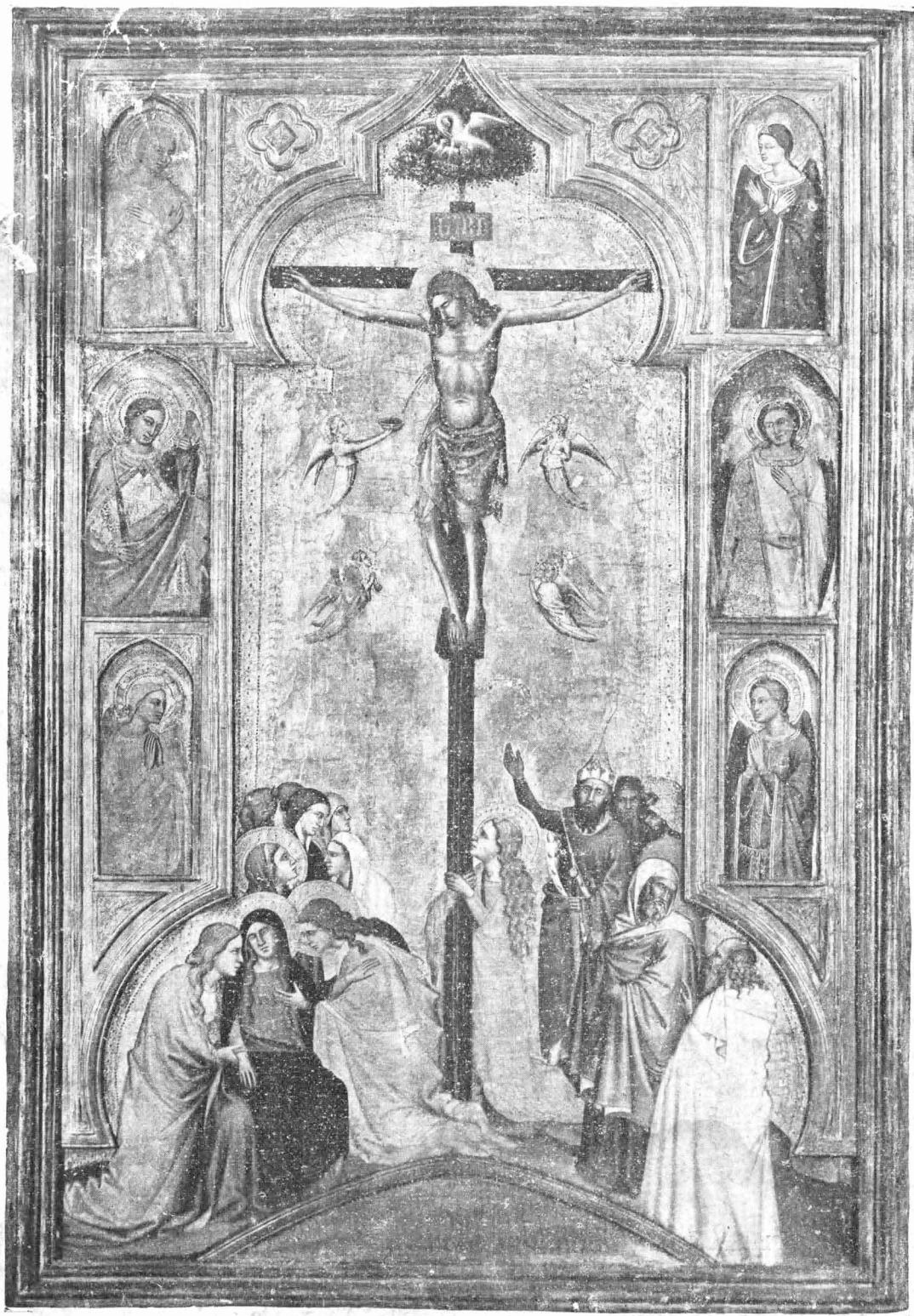


SÃO JAIME — Pintura do Mestre Franciscano. (1227). Trabalho de grande segurança, força e originalidade. O autor desta obra, desconhecido, foi certamente um irmão leigo da Ordem Franciscana. O seu sobrenome de "Mestre Franciscano", origina-se dêsse artista ter feito algumas de suas pinturas sobre painéis tirados à um leito, onde o Santo repousara em vida.

Comprado Tadeu Rocha

30/8/29

3660



CALVÁRIO — Pintura de ANPREA ORCAGNA e seus discípulos, da Coleção P. L. de New-York. (Vide NOSSA CAPA, página 6).

IMPRESSO  
NA TIP. DO  
DIÁRIO DA  
MANHÃ